NILTO MACIEL

TEMPOS DE MULA PRETA

CONTOS

SECRETARIA DE CULTURA E DESPORTO

ERRATA

À p. 90, linha 4, onde se lê: Não nos interessava se o que dizia, assim como o que nos dias ...,
leia-se: Não nos interessava se o que dizia, assim como o que diziam os outros, era política, religião ou literatura. E mesmo nos dias ...

NILTO MACIEL

Antonio Soares
Feitosa a publicar
este livro no Jornal
de Poesia.
Fortaleza, 5/10/13

TEMPOS DE MULA PRETA

CONTOS

FORTALEZA
SECRETARIA DE CULTURA E DESPORTO
1981

NILTO MACIEL
SECRETARIA DE CULTURA E DESPORTO
1981
Av. Presidente Castelo Branco, 255
Fortaleza - Ceará.

IMPRESSO NO BRASIL
CATALOGAÇÃO NA FONTE BPGMP

Maciel, Nilto

M152t Tempos de mula preta; contos.

Fortaleza, Secretaria de Cultura e Desporto, 1981.

p.

1. Literatura brasileira — Contos

I. Título

CDD B869.3

SUMARIO

1. AVE-MARIAS
2. AS SETE ONÇAS DE NÉO
3. AS ~~FANTASTICAS NARRAÇÕES DAS~~ MENINAS DO ~~SÃO~~ VELHO CHICO FRANCISCO
4. DETALHES INTERESSANTES DA VIDA DE UMZIM
5. ROMOS
6. CAVALOS DE TRÓIA
7. A ODISSÉIA DE CARLOS MAGO
8. AS PEQUENAS TESTEMUNHAS
9. HOMENS
10. SANTA SEKIKI
11. TEMPOS DE MULA PRETA
12. O FILHO DA SOLITÁRIA
13. LEGENDA
14. A LENDA METAMORFOSE DE MENITO BONINO
15. O BESTIAL CARLOS BAYMA
16. O EX-COMPANHEIRO DE DARNO E DAPHU
17. SURURUS NO LUPANAR
18. AS CONTAS DE SETIDON
19. NOS BECOS DA FANTASIA
20. ESFINGE
21. A TRAGESTÓRIA DE GETÚLIO
22. A VOLTA DE OTRAFNI
23. O CASTIGO DE DEUS COMEÇOU AO MEIO-DIA
24. IMPOSSÍVEL CONTAR A HISTÓRIA DE PALMA
25. MARACANÃS
26. MISTÉRIO DOLOROSO
27. TIL ANANIAS E SEU POLICARPO
28. ELES TÊM OLHOS AZUIS?

Secretário de Cultura e Desporto:
MANUEL EDUARDO PINHEIRO CAMPOS

Diretor do Departamento de Cultura e Esportes:
JOSÉ ACÚRCIO BARROSO FILHO

Presidente do Banco do Estado do Ceará:
LUIZ GONZAGA FURTADO DE ANDRADE

Diretor-Presidente da Imprensa Oficial do Ceará:
JOSÉ DE ANCHIETA GOMES BARREIRA

A publicação desta obra tornou-se possível graças ao apoio da Secretaria de Cultura e Desporto, Imprensa Oficial do Ceará e Banco do Estado do Ceará — GOVERNO VIRGÍLIO TÁVORA.

AVE - MARIAS

I

Coronel Isidoro ronda a sala, vermelho, peru enraivecido. Valsa entre as cadeiras, limitado pelas paredes, pronto a saltar sobre Gracinha. Bufa, sua, o grito estancado na fumaça da boca.

— Escute bem o que vou lhe dizer.

Caminha na direção da rua, empurra a porta, prende-se mais. Mágico, fecha as duas janelas a um passo.

Cabeça pregada ao colo, a moça treme, geme, chora a uma cadeira.

Quietos, mudos, sérios, personagens sacros e profanos misturam-se no painel desbotado da parede às suas costas: o coração de Jesus sangra, Isidoro bigodudo e Zulmira branca unem-se, a Virgem Maria lastima-se, crianças vestidas de primeira comunhão arregalam os olhos, São José...

— Mas pai...

Na quase escuridão, os olhos do homem luzem como faróis e avançam para a filha.

— Nem um pio.

O gato se retorce no sofá velho, estica as pernas, afunda a cabeça na maciez do assento, grunhe.

— De hoje em diante não quero mais nem ouvir o nome daquele moleque.

Olhos grudados nas palmas das mãos, Maria das Graças soluça, coberta de cabelos. O pai marcha, pés duros pilando o chão, buracos da cara soltando fumaça. A moça ergue a ca-

beça, funga, levanta a ponta da saia para enxugar o choro. Nas mãos e na roupa ensopadas refletem-se as duas estrelas que pingam.

II

Pela 7 de Setembro, Isidoro cavalga o jipe a toda. Esporeia, chicoteia, upa, upa, bicho danado. À porta do Café Portuguez, uma rodinha ri, gesticula, cabriola em redor do Dr. Pinheiro.

— Safado.

Um cachorro atravessa a rua imprudentemente, mostrando os dentes, tirando fina no carro saltitante. O coronel urra um nome feio. À calçada, duas mulheres que conversam voltam-se para a zoada.

— Carro mais doido.

Isidoro da Paixão, empapado de suor, passa a lenço sujo na testa, no rosto, no pescoço cabeludo.

— Pensei que fosse um menino.

Pela Dom Bosco o jipe pula, relincha, peida, em tempo de voar.

— Mato aquela sem-vergonha.

III

Gracinha afaga o gato com as mãos úmidas, pequeninas. Murmura, materna.

— Não fique com medo, não, viu?

O animal espoja-se todo no sofá, arreganha os dentes, estica-se, agarra, dengoso, as mãos da moça.

*

Livro aberto diante dos olhos parados, Carlinhos coça o queixo. "Abriram-se os braços do guerreiro adormecido e seus lábios; o nome da virgem ressoou docemente."

O calor queimava o chão do terreiro, as paredes e o telhado do cabaré, o mundo, os olhos do filho do Dr. Pinheiro. Na

cama, afogueada, irritada, Mariinha revolta-se, como se se assasse em fogueira.

— Puta que pariu.

Os olhos do rapaz fulguram no fim da tarde, trespassam as folhas da lenda.

*

O bichano esfrega a cabeça no sofá, desembainha as unhas, abre as pernas, faz de conta que morde as mãos de Maria das Graças, mia fino.

— Safadinho.

*

Os pés de Carlinhos tremem no chão luzidio da sala, as mãos agarram o livro antigo. "A juriti, que divaga pela floresta, ouve o terno arrulho do companheiro."

Maria retirou, de supetão, o último pano que vestia e estendeu pernas e braços ao longo da cama, crucificando-se. Banhada de suor, fechou os olhos, agonizando no horto de todo dia.

A porta rangeu e se foi escancarando, zunindo como um besouro.

— Dormindo, minha santa?

Carlinhos fita o texto, que dança entre seus dedos.

*

Pé ante pé, D. Zulmira aparece às costas da filha.

— Ele saiu?

Gracinha larga o gato e desata a chorar. O bicho assusta-se e, de um pulo, foge para o interior da casa.

— Que é que eu vou fazer agora, mamãe?

Uma mosca pousa no meio da folha do livro e Carlinhos assopra com fúria. "Em suas faces incendidas rutilava o primeiro sorriso da esposa, aurora do fruído amor."

Mariinha encolheu-se toda, escondendo a nudez que a cobria e mandou que Zefa fechasse a porta logo.

A visitante riu e sentou-se à beira da cama, enquanto a outra falava que tinha vontade de sair correndo como uma doida, meter-se num rio ou possuir um ventilador bem grande e ficar ali deitada, porta aberta para o vento, uma perna aqui, outra acolá.

— Deixa que eu te abano.

O estudante remexe-se na cadeira, suspira, o livro morto em suas mãos.

*

Mãe e filha fungam, olhos pregados na porta da rua, xifopagamente abraçadas.

— Vá tomar banho.

Maria das Graças desprende-se a custo de D. Zulmira e levanta-se. As mãos ainda permanecem grudadas por um minuto.

— Vá.

*

Mão metida entre as calças, Carlinhos curva-se para a história estendida sobre as coxas.

— Menino estudioso. Sua mãe está aí?

Ajeita-se, gagueja, fixa os olhos nas palavras. "Tupã já não tinha sua virgem na terra dos tabajaras."

A mulher entra, arrastando os chinelos, aos berros.

— Oi de casa.

Zefa tirou o vestido, ajoelhou-se entre as pernas de Maria e pôs-se a sacudir a roupa sobre o corpo da amiga.

— Está maluca?

Carlinhos inquieta-se, passa os dedos no nariz, na boca, leva e traz a mão entre o livro e o passado.

No banheiro, nua, Gracinha abre a torneira e a água pinga pesada no cimento.

— Ai.

Uma barata corre pelo canto da parede na direção do vaso sanitário.

— Ui.

Carlinhos fecha o livro e o deita às pernas.

Zefa derreou-se sobre Maria, beijando-lhe os seios, amassando-lhe o ventre, vigorosa.

— Deixa, Mariinha, deixa.

IV

Pára o jipe quase dentro da bodega, salta, fecha a porta a um empurrão e pede uma cerveja, aos berros.

O bodegueiro inquieta-se, mexe e remexe a geladeira, saltita, curva-se.

— Sim, senhor, sim, senhor, coronel.

As mãos procuram o abridor, vasculham os bolsos, ferem o balcão, derramam feijão, blasfemam.

— Tem muito cabra de peia aqui, Seu Expedito.

Um tamborete surge às costas de Isidoro, alisado, experimentado, reverenciado.

Esvazia o primeiro copo, espumante, esfrega as costas da mão na boca, acende um cigarro.

A sombra arrastava-se como cobra à plena luz do dia e se aproximava do coronel.

— Essa alma quer reza.

Ficou rondando, feito menino desconfiado querendo bom-bom.

— Alguma coisa comigo?

— Um particular, coronel.

Chupa o cigarro com força e a fumaça sai, aos borbotões, pelas ventas entupidas de cabelo.

— Desembuche, homem.

O caboclo esfregou as mãos, olhou para os lados, abaixou a cabeça enrugada.

— Estão dizendo que aquela sua rapa...

Isidoro suspirou, descruzou os braços, fitou o enredeiro, que deu um passo atrás e calou-se.

— Não venha com safadeza, cabra. Sua o quê?

O homenzinho pedia desculpas, engasgava-se, encolhia-se, só queria ajudar o coronel, mas sabia que aquilo era história furada.

— E eu sou homem de ouvir história furada, seu sem-vergonha?

Vira o copo goela a dentro, arrota, avermelha-se, incha.

— Meu coronel, eu quero dizer que é calúnia dos inimigos do senhor.

Urrou, ergueu-se, mão na cintura, pronto a sujigar o cabra, os inimigos, o mundo.

— De quem?

— Do filho do Dr. Pinheiro.

Esmurra a mesa, cospe o cigarro, levanta-se, chuta o tamborete.

— Quanto foi a despesa?

V

À porta do cabaré, um moleque fala a Ana Souto.

— Está sozinho?

O menino coça o pixaim, cutuca o chão com os dedos do pé. A dona da casa interessa-se pela notícia, pergunta e especula, lenço vermelho em volta da cabeleira loura, seios bojudos dançando no decote.

— E vem para cá?

*

Carlinhos sorri, solta os dedos de Gracinha e dá um pontapé leve na parede.

— Até.

A moça continua debruçada à janela, olhos voltados para o namorado que caminha no rumo da Matriz.

*

Montado no jipe, Isidoro escramuça pelos becos do Potiu. A poeira vermelha o persegue. Ele arrota, peida e brada.

— Porra.

A cachorrada esquelética disputa aos moleques seminus o privilégio da vaia alegre à novidade do entardecer.

*

Abraça e beija demoradamente a mãe e diz que vai conversar com uma amiga. Explicando-se, inventa um nome.

E o cheiro de rosas de Maria das Graças invade a rua, ladeira abaixo.

— Volte logo.

*

Ana Souto exige explicações, fuma, gesticula, irrita-se, cheia de pulseiras, rodeada de dobras da saia.

— Por acaso ele é o capeta, meninas?

Maria choraminga, impacienta-se, tropica nas palavras. Zefa corre para os fundos, debaixo dos insultos da colega.

— Ela tomou teu homem?

*

Antes de dobrar a esquina para a direita, Carlinhos olha mais uma vez para trás. Caras espantadas o espionam das janelas. Sua sombra toma a calçada de três casas. Arranca, esticando as pernas.

— Não tenho culpa de ter visto.

*

Diante do cabaré, o coronel pára o carro e salta ligeiro. A ponta do cigarro bate na parede e faíscas em estilhaço festejam sua chegada. Chuta a porta do jipe, pigarra, olha em volta. Às janelas, olhos enormes paralisados. Um casal de vira-latas trepa no meio da rua.

— Maria.

*

Quase correndo, Maria das Graças pisa-não-pisa a própria sombra. Vai que vai à pressa. Dobra à esquerda para as bandas das Lajes.

VI

Numa cadeira de palha, Ana Souto balança-se. Entre seus dedos o longo cigarro marcado a baton. A fumaça faz piruetas na sala.

— Quede aquela puta da Maria?

Alvoraçadas, como em noites de cu-de-boi, as mulheres desembestam casa a fora, gritando e chorando.

— Valei-me, meu São Francisco de Canindé.

No centro da sala, Isidoro ruge diante da dona da casa, que fuma e fala, levanta-se e tremelica, pisca e cala.

— O que foi que aconteceu, Coronel Isidoro da Paixão?

*

Do lado de dentro do cercado, metido no mato, Carlinhos olha para o rio que passa cantando à sua esquerda.

Adiante, a filha do coronel esbarra nas pedras, jeito de menina perdida.

— Psiu.

*

Aos gritos de Maria, Maria, Maria, o pai de Gracinha embarafusta pelo cabaré, escancarando portas, esmurrando paredes, quebrando jarros.

— Aparece, cadela.

No seu calcanhar, Ana Souto chora, agarra-se aos santos, suplica ao coronel.

*

Coberto de carrapichos, Carlinhos força os arames da cerca para que a moça passe. Agachada, mete-se entre os fios. Uma farpa enfia-se em seu vestido.

— Calma, calma, que eu te desengancho.

Abaixada, Maria das Graças diz que não aguenta mais, está cansada, vai rasgar as vestes.

— É o jeito.

*

No quintal, escondida detrás de um pote velho, Maria bate o queixo, mija-se, encolhe-se. E diante de seus olhos, que quase beijam o chão, duas botas pretas enormes param. Abaixa-se mais, achata-se, enterra a cabeça entre as pernas, pede clemência, perdão. Mas a mão pesada, calosa, ardente do coronel enfia-se no meio de seus belos cabelos castanhos e a puxam para o céu, furiosamente.

— Puta de puta.

*

Escuro como breu, o rio desliza, os grilos cricrilam, os sapos coaxam, Gracinha e Carlinhos se lambuzam no meio das muriçocas, debaixo de uma mangueira.

*

Isidoro e Mariinha tomam conta do quintal, volteiam, quase abraçados, passos soberbos de dança primitiva, ele, a mão-tacape indo e vindo, ela, vestes esfarrapadas, ensanguentada, inchada. Sapateia o par nas ave-marias.

— Rapariga do diabo.

*

Geme Maria das Graças no chão verde. Geme Carlinhos sobre o corpo róseo da moça. Os sinos da Matriz badalam seis vezes.

— Ave-maria, meu amor.

AS SETE ONÇAS DE NÊO

Para Juarez Barroso,
que não deixou de sonhar.

"De repente, nós ouvimo o esturro duma onça trigue, que há muito vinha fazendo estrago no gado. Pedi um rifle ao dono da fazenda, saltei a cerca do curral e, entrando no cercado do Doutor João Urso, avistei em vez da onça um veado e fiz fogo nele, mas errei o tiro e matei foi o diabo duma vaca que se achava adiante, pastando..."

Leonardo Mota, Sertão Alegre (Sonhos com o "Bicho")

~~Final do sonho do Antônio Gaudêncio, jogador do bicho.~~

Escalafobética, sim, demais, Seu Doutor. Sistema duma coisa não passada, dum marco. Mas eu trago a história todinha na ponta da língua e posso contar inteirinha, se o Senhor não se aborrecer. Não? Então escute. Só sei que era uma casa grandona, assim como um hotel, cheia de compartimentos, mais velha do que a serra. Eu até me lembrei do sobradão do Dr. João Ramos, que deve de ter pra lá de cem janelas. Mas acho que não era um sobrado, não, porque se fosse, em vez de telhado tinha era tabuado, se eu estivesse no andar de baixo. E, se estivesse no de riba, o telhado era de telha mesmo, como era, mas em vez de chão de barro ou de tijolo ou até de cimento, que esses ricos têm mania de cimentar o chão, tinha era tabuado. Mas isso não vem ao caso. O diabo é que não me lembro que rua era aquela. Eu tenho pra mim que era a Tristão Gonçalves. É só impressão, porque não era. E nem podia ser,

porque por lá tudo já está muito civilizado, já tem calçamento, casa de tijolo, rádio, moça-donzela estudando piano e essas coisas todas da cidade. Só sei que era pr'aqueles lados da Parangaba, que pro lado do mar não há de ser, não. Isso não é a história ainda, não. Ela começa é assim. Primeiro apareceu uma baita duma onça-preta, tão preta que não dava pra enxergar se era o couro dela ou se era a noite que vinha mexendo que nem feme de reboque. O Senhor sabe que esta tal tem a volta muito mais perigosa que o jaguar. Isso se deu no alpendre. Pois a bicha vinha toda faceira, ronceando, naquele andar preguiçoso de quem não quer nada e querendo. O Senhor já deve ter ouvido falar que boi brabo, chegando na terra alheia, se faz de manso. Pois a danisca devera de saber que ali não era terra de onça. Não me assustei, não Senhor, que um homem é um homem e um bicho é um bicho. Pra falar a verdade, não sei nem o que foi que eu senti. Devo ter sentido só um medinho de nada, que com fera não se brinca, por mais valentão que se seja. Eu não posso dizer que sou um Lampião mas também não sou desses cabras frouxos que se mijam todo só com lá vai facada. Então fiquei de molho. Mas isso foi depois que imaginei o que havera de fazer. Porque logo que avistei aquela ruma de pretura passeando no meu rumo fiquei todo soberbo, de priquita queimada. Controlei o suspiro e fui me encostando na parede. Podia ser que ela passasse sem me ver e fosse embora, que o Senhor sabe que é bom evitar. Não que eu estivesse com medo de morrer nas unhas dela. Eu nunca nem imaginei isso. Ora, se eu nunca morri nem quando briguei com três cabras, num quebra-rabicho lá em Guaramiranga, eles armados cada um com uma pajeuzeira maior do que a do Titico meu irmão (depois eu vou falar dela e dele, que fazem parte da história, como o Senhor há de ver) e com um jucá e eu só com uma quicezinha de nada! Juro por Deus que nem pensei na morte! O que fiz foi tomar cautela, que por causa duma esporada se perde uma vaquejada. Se eu fosse com lorota pra cima dela, ela se espantava e adeus caçada. Que aquilo pra mim foi um sistema de caçada, a caça chamando o caçador. Diferente mas igual. Então esperei que ela me avistasse, porque estava escuro de meter dedo no olho e aposto como a coitada não estava me enxergando. Ia ser uma

covardia sujigar a bicha sem avisar. Eu não sou dessa nação de gente. Negócio de tocaia não é comigo. Isso fica pra cabra medroso que não tem coragem de olhar de frente o inimigo. Quando ela me enxergou, acho que ela me enxergou porque avistei aquelas duas tochas rumando na minha direção, dei uns dois passos também na direção dela, pra não ficar pra trás. E pensei cá comigo — essa é das grandes e vai querer passar por riba de mim, me pisar, me lamber e me arrastar pro mato. E lá vinham as duas tochas crescendo no meu rumo, alumiando tudo, numa macieza de deixar qualquer cristão sem fala. E quando já estavam pra me queimar, parti pra riba dela, apalpei os cós das calças mas... cadê faca? Fiz o Pelo-Sinal, me agarrei com a minha Santa Luzia pra me alumiar os olhos e lá enxerguei o pau-furado no canto da parede. Mais que depressa, apanhei o desgraçado e... Ainda hoje não sei como se deu aquilo. Eu nunca deixo de trazer comigo essa faquinha aqui, porque sou dado a varar noite por esse Mucuripe, por essa Parangaba e até pela Caucaia, que, como o Senhor há de saber, lá só dá jararaca do rabo fino, que mata por brincadeira. Não que eu seja uma cobra de chifre que ande fazendo arruaça, acabando samba e atirando à toa. Deus me livre disso! Eu sou até assim meio besta, não digo frouxo, que é outra coisa muito diferente. Eu carrego uma opinião comigo: se eu vejo que a coisa está preta, vou saindo de mansinho e escapulo, que quem não muda de caminho é trem. O meu sistema é outro — é só brincar. Se é um samba, chego, tiro a moça, danço. Fora disso, tomo minha cachaça, sem muita lambança e não esquento pé de balcão. Então a faquinha aqui eu só uso em caso de muita necessidade. E nem ando mostrando a ninguém, que cachorro que muito ladra não morde. Graças a Deus nunca feri nem matei ninguém. Pois como eu ia dizendo, a bicha vinha vindo, vinha vindo e eu fui indo, fui indo, que medo eu não tenho nem nunca tive. Mas fui indo já de arma apontada pro focinho dela. Aí parece que ela compreendeu a brincadeira e parou pra dar o pulo. Mas antes que ela terminasse de pensar, eu acho até que ela já vinha meio alta do chão, eu puxei a alavanca. Pêi, pêi, pêi. Não sei nem contar como foi que se deu a coisa em seguida e nem nessa hora. Não sei se ela caiu logo, não sei se ainda esperneou, não

sei se esturrou. Não sei também se gritei, se disse alguma besteira, que nessas horas a gente é dado a ficar fora de si e dizer até heresia. Só sei mesmo que apareceu o Titico meu irmão com uma pajeuzeira na mão, chega alumiava tudo. Eu não disse que ele e ela iam entrar ainda na história! Eu não sou homem de mentira, não, Seu Doutor! Pois eu cheguei até a ver a bichona estendida no chão, vomitando sangue, um sangue vermelho que nem pimentão maduro, e ele perguntando, sem afobação nenhuma, como se a gente estivesse sangrando porco, se eu precisava de ajuda. Isso se deu na horinha mesma do aperreio maior, quando eu ainda estava atirando. Eu me admiro é de ter dado pra eu atinar que dois sentidos não assam milho. Ele devia era ter esperado que eu terminasse o serviço. Se eu me descuido, erro o tiro, estou frito. Ainda bem que minha pontaria nunca falhou. As três balas foram diretas na boca lá da carniceira. Sim, só dei três. Pra que esperdiçar bala com defunto! Isso eu ainda estava dizendo comigo mesmo, o Titico com a pajeuzeira na mão, olhando pra mim e pra bicha, um ali perto do outro, quando a danada estremeceu toda e parecia que ia se levantar e dar o pulo. Isso é só imaginação minha, que naquele escuro todo o que acontecia era o que eu imaginava. Foi aí que eu compreendi muita coisa deste mundo velho — boi com boi é que faz junta. Eu já tinha jogado meu pau-furado no chão e tive que tomar a arma da mão do Titico e cair em cima da fera. E tome pinicada nos lombos. Pipinei, Doutor. Fiquei com pena foi do couro, tão pretinho, ~~tão pretinho~~, tão peludinho, todo esburacado e sujo de sangue. Não, Seu Doutor, eu nunca tinha visto, não. Mas já tinham me falado tanto de onça, já ouvi tantas histórias, histórias velhas de meu finado avô, que Deus o tenha no céu!, de meu pai, de meu tio Vicenço e de outras gentes daquele tempo, que eu sempre tive, desde menino, a imagem de como devera de ser uma bicha dessas. E, pois não é que essa aí que eu contei, pelo menos na hora que me apareceu, era justamente igualzinha às que eu imaginava ser! Igual até às que apareciam nos meus sonhos, no tempo em que eu só vivia chambregado. No Baturité? Não, acho que nem lá nem em canto nenhum, porque faz um tempão que andam matando as coitadas. Eu não sou pessoa de leituras mas tenho pra mim

que onça só deve ter mesmo agora é no Amazonas, lá onde o diabo perdeu as esporas, que, como lá diz o outro, é um matagal dos seiscentos mil diabos que não tem homem no mundo que consiga atravessar. Como digamos, meu pai me contava que um tio dele arribou pra lá e nunca mais voltou. Aquilo é um despotismo de mata, Seu Doutor, onde só há índio e fera. Aqui também contam os antigos que já foi assim. Lá no Baturité é mesmo o Senhor ainda pode ver como é a mata. Avalie noutras eras, antes de aparecerem os roçados, as queimadas, essa gente toda que anda por lá. Pois bem, isso tudo, que é o progresso, mas que é menos progresso ainda do que este daqui da Fortaleza, e este muito menos ainda do que o do São Paulo e das Europas, que ninguém, ninguém não, eu e outros que só conhecem o Baturité e a Fortaleza, ninguém pode imaginar nem como seja, este progresso foi que acabou com as oncinhas. Digo acabou porque eu tenho palestrado muito com quem anda por este sertão afora e eles só não me falam é de onça. Então eu estou pra crer que as derradeiras que existiram foram estas que eu matei. Não, não foi só essa uma, não. Até agora eu só contei o comecinho da história. Mas é uma história grande que não acaba mais. Dava até um romance. Mas escute que eu vou contar o resto. E bem depressinha, que é pra não aborrecer Vosmecê. Eu tinha acabado de dizer que caí em cima da bichona, com a pajeuzeira do Titico meu irmão na mão, e acabei de matar a sem-vergonha, que estava se fingindo de morta com os três tiros. Mais com pouca acordou todo mundo, assustado com os tiros e aquela zoada toda. Com os tiros, sim, que foi tudo na mesma hora — tiros, meu irmão aparecendo e me oferecendo ajuda, as pinicadas... Eu ainda estava furando a bicha quando apareceu o povo com as lamparinas em riba da cabeça, vindo pelo corredor, uma parte, e a outra só espiando pelas janelas, sem coragem de se chegar. Era assim como duas nações de gente — uma de gente despositada, outra de gente almoçada. Estes até nem não vinham com lamparina. Eram do meu proceder, que eu nunca precisei de alumiadura nem pra ir ao mato. Se tivesse lua, bem. Se não tivesse, também. Não sei quem eram, não, mas decerto que eram meu pai, meu irmão Kiko, meu outro irmão Bira, que era ainda um frangote,

meu primo Mandapolão, cabra que não vale uma masca de fumo, o Domingo irmão dele e outros. Só não havera de ser mulher, que saia eu não vi, não. Estas imagino que eram as alumiadeiras. Então veio aquele povo espiar a imbuança besta mas já chegou foi tarde. Não digo nem briga, que em briga os dois lados brigam e nesta só quem brigou foi eu. E tem mais — em briga eu sou de ficar raivoso que nem peru e nesta eu nem cheguei a esquentar o gogó. Pois, como eu estava dizendo, aquele povo chegou pra espiar a briga mas viu foi sossego e a pretona estendida no chão. E começou a falação de tudo o que era canto. Parece que tinha gente até em riba do telhado, debaixo do chão, dentro das paredes, na barrica da onça. Eu só ouvia era o que foi isso, quem fez isso, Ave Maria, vamos fechar as portas, a casa está cheia de bicho, porque vira, porque mexe, e eu na minha calma, só rindo, fumando e achando bonito, que aquilo pra mim foi mesmo que brincadeira de menina feme. Que nem aqui nem no mato eu nunca fui de me espantar com besteira. Aqui tanto faz pra mim um general como um soldado raso, tanto faz uma bicicleta como um avião. Tudo pra mim não me faz medo. No mato tanto fazia uma surucucu como uma minhoca, tanto fazia uma onça, onça não, que essa tal foi a única fera que eu nunca vi lá, tanto fazia caipora pedindo fumo como volante pedindo notícia de Lampião. Não é que eu não enjeite parada mas é que sou moço e tenho o couro grosso e, graças a Deus, nunca fui de ensebar as canelas com medo de grito. Pra encurtar a história, deu-se que o povo foi criando medo, dizendo que era bom todo mundo entrar e trancar as portas. Acho que eu já disse que o quintal não era um quintal, era era o mato mesmo, sem muro e sem cerca, um descampado sem fim que era um despotismo, emendando com o sertão, a se perder de vista. Minha mãe então, olhando no rumo da mata, disse — quem sabe tem mais onça metida aí nesse matagal, esperando a hora de invadir a casa. Pois mal ela fechou a boca lá se escutou um reboliço feio assim como de onça pisando em graveto. Aí deu-se uma correria dos diabos. Era gente gritando e chorando, pedindo clemência a Deus Nosso Senhor, se valendo de tudo quanto é santo. Mas eu fiquei foi caçoando deles, eu mais o Titico meu irmão. E a ve-

lha gritando entrem meus filhos, deixem de valentia que valente morre mais cedo, vocês mataram uma mas as outras vão querer se vingar, deixem essas feras pra lá, venham dormir, deixem pra cuidar disso amanhã. E eu cá comigo — amanhã o carneiro perdeu a lã. Não era por desobediência, não, mas a gente queria ver era o fim da história. Pois enquanto ela falava lá as piedades dela eu apurava o ouvido e arregalava os olhos pra ver se escutava algum esturro ou pisada macia de onça. E não é que apareceu mesmo outra! Mas essa era pintada e parece até que era mais baita do que a defunta. Vinha vindo do mato, as duas tochas alumiando o caminho, a bocona aberta mostrando aquela dentadura muito branca e muito bonita, que eu até fui ficando encantado e querendo que ela chegasse mais e se abraçasse comigo. Fiquei até rindo de feliz. Doidice, seu Doutor! Se não fosse o Titico meu irmão me alertar, você não vai atirar logo, não? eu hoje estava era na terra dos pés juntos. Tomei um susto e fui logo atirando mas ainda com pena. Quando o primeiro tiro falou, a tadinha foi se vergando, se vergando, até se prostrar feito uma vaca velha. Mas quem é que confia em fera? Meu irmão pulou em cima dela, a pajeuzeira na frente, e tome pinicada. Eu só via era aquele fio de luz subindo e descendo, até que eu disse chega, mano, senão essa faca vai virar arame. Parece que eu estava era adivinhando. Pois se a pajeuzeira virasse arame, quem é que ia terminar de matar as onças que eu matasse? Dito e certo. Mal eu fechei a boca lá apareceu outra, que vinha que nem um cão (cruz, credo!) no meu rumo. Vinha chega vinha bufando. Mas, doutor, o Senhor vai ter que dar o não dito pelo ouvido, que eu não vou contar como se deu esta luta, não. Só me acredite que foi tudo igualzinho à outra. Não vou contar não é por outra coisa, não, é porque assim não vai dar tempo. Eu sei que o Senhor está interessado na história mas é que a história depois da segunda onça se deu tão ligeira que eu não vou poder seguir a carreira dela na fala. Escute só e me entenda — mal aparecia uma e a gente matava, já aparecia outra. Se uma pulava do telhado, outra saltava o parapeito, que nem cabrito, e outra se coçava na parede, e outra esturrava, e outra escancarava a boca. Deu-se então que não restou mais nenhuma. Graças a Deus,

que (aqui pra nós e pro padre que nos confessa) eu já estava pra desistir. Então ficou tudo um silêncio danado, que dava até medo escutar. Eu lá no meu canto segurando o pau-furado pegando fogo, meu irmão lá no canto dele limpando a pajeuzeira nas pernas da calça e aquela ruma de onças no chão perdida no meio da sangueira. A gente, dê por visto, cansado e suado, doido pra tomar um calisto de delas frias e se espichar numa rede. Eu me sentei no chão e senti aquele rio quentinho escorrendo debaixo de mim. Era o sangue das coitadinhas. Fui me sentar no parapeito e me deu uma vontade espritada de fumar nem que fosse um quebra-queixo. Mas cadê cigarro! Aí o Titico disse: Não, você sabe que pião gabado é que vira carrapeta, né? Então me deu uma vontade de rir, Seu Doutor, e mais ainda quando mais com pouca ele começou a gritar no rumo do mato: cadê as onças dessa terra! E eu me animei, esqueci a vontade de fumar, de beber cachaça e de dormir e dei uns tiros pra cima. Imagine minha besteira, Doutor — pra ver se acertava nalguma onça restante que andasse lá pelos ares. Quem já se viu onça voar! E comecei também a gritar — apareça, cambada de carrapetas; aqui mora é macho, não é caçador mentiroso, não. E a gente ficou nessa besteira de atirar e gritar, até que lá longe no céu apareceu um clarãozinho de nada e os galos começaram a acordar tudo com aquela zoada doida de bater asas e cantar um atrás do outro. Sabe, ficou-se assim meio zuruó, olhando pro céu e pros galos, como se não se tivesse nascido na serra e nem acostumado a ver aquilo quase todo dia. O Senhor sabe como é o mundo quando os galos começam a cantar. Pois é. É um sossego danado de bom, aquela cor parda, que se olha, se olha e parece que se vê mas não se vê. Era o que estava se dando — se olhava pro mato e parecia que se estava vendo onça. Mas não estava. Depois, ficou-se só olhando e foi-se avistando umas coisas se mexendo, se mexendo, lá longe. E o clarãozinho foi se clareando, até que se viu uns bichos que se mexiam e olhavam na ~~nossa~~ direção. Tem mais onça, Titico, prepare a pajeuzeira, eu disse bem baixinho. Caiu-se em cima das armas, como urubu quando vê carniça. Mais que depressa se voltou pro mato. E sabe o que se avistou? Não vá ficar impressionado ou duvidar de minha

palavra, que eu não sou homem de andar com mentira. Sabe o que foi, seu Doutor? Não foi onça nenhuma, foi um magote de cachorros. Sim, senhor. Olhei pro Titico, ele olhou pra mim e se caiu na risada. Jogou-se as armas de novo no chão e se virou as costas pro mato. E sabe o que é que estava estendido no alpendre, tudo morto, chumbado, pinicado, coberto de sangue? Adivinhe. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete cachorros.

Mas agora é que vem a dúvida maior — é se tudo isso aconteceu mesmo ou se foi só um pesadelo.

AS MENINAS DO VELHO CHICO

~~AS FANTÁSTICAS NARRAÇÕES DAS MENINAS DO SÃO FRANCISCO~~

"No princípio era o Verbo"...
O Evangelho segundo João

Quase sempre estávamos sentadas nas ribanceiras, ou nas pedras lisas das redondezas, ou caminhando ao longo do rio, pisando aquelas areias ribeirinhas, ou passeando de barco, rio acima, rio abaixo, contando intermináveis histórias para nosso pai que nos ouvia atentamente e, às vezes, rindo, como se disséssemos as palavras mais engraçadas do mundo. Retirávamos nossas histórias do mais fundo de nossa memória de crianças nascidas na beira do rio e nos sentíamos como pequenos animais indomesticáveis, livres e puros. Ele nos ouvia, calado, muito pensativo, como se disséssemos grandes e irrefutáveis verdades, como se fôssemos sábio antigo, a quem estivessem confiados todos os segredos da Terra. Para que não falhássemos nós apenas, permitíamos que ele fizesse perguntas, que interrompesse nossas narrações, que fizesse reparos, quando nos deixássemos levar pela pura imaginação. Mesmo assim, ele permanecia calado ou sorridente, os olhos brilhando de muita alegria. Então, alguma de nós fazia perguntas, muito tolas, às vezes, para forçá-lo a falar, a perguntar, ao menos. Mas ele apenas sorria ou levava a sério o que estávamos fazendo, como se fôssemos criaturas superdotadas, incapazes de dizer tolices, como se não fôssemos apenas suas filhas mas criaturas de outro mundo, que tivessem vindo com a exclusiva missão de contar-lhe histórias.

A noite, na nossa cabana, iluminada pela lua e pelas estrelas, ele escrevia como um louco, sem parar, apressadamente, escrevia cadernos e mais cadernos, enquanto dormíamos,

cansadas da tagarelice e dos passeios diurnos, incrivelmente felizes, como se tivéssemos praticado os melhores atos do viver, como se tivéssemos erigido pirâmides, repletas de alívio, como se tivéssemos jogado fora os grandes fardos que pesavam dentro de nossas cabeças. Muitas vezes, quando acordávamos, ele ainda estava a escrever, com sua mão esquerda, os olhos quase pregados no papel, sonolento.

Muitas das histórias que contávamos eram essencialmente horrorosas, cruéis, desumanas, e nos faziam sofrer muito e chorar demais. Sofríamos e chorávamos juntos, nós e ele. E nos compadecíamos uns dos outros, nós dele e ele de nós. E era pior, mil vezes pior do que a solidão. Ele então nos prometia brinquedos, para que não nos atormentássemos tanto. Jurava que desceria o São Francisco, em busca de pérolas, de caracóis, de querubins, de tótens e mil outras coisas que desconhecíamos. E saíamos juntos na nossa barca, descíamos o grande rio, dias e noites sobre as águas, na direção do mar que nunca víramos, esperançosas de encontrar na foz não o que ele nos havia prometido mas nossa mãe perdida ou levada por pescadores aventureiros, causa maior de todo o nosso tormento. Contávamos então histórias de sereias, de serpentes marinhas, de grutas no fundo do mar e, quando sentíamos saudades de nossa cabana, abandonávamos a nossa barca e regressávamos, esquecidas do mar desconhecido, dos brinquedos prometidos e de nossa mãe perdida, caminhando às margens do rio. E corríamos, brincávamos e contávamos histórias tristes de peregrinos e perdidos. Quando cansávamos, deitávamo-nos nas ribanceiras solitárias, sonhávamos com morcegos violadores de virgens, acordávamos, assustadas, gritando estranhas palavras, e passávamos a contar histórias tão alarmantes quanto nossos sonhos. Nosso pai se retorcia, abria e fechava os olhos, resmungava e voltava a roncar. E, quando regressávamos, fazíamos uma festa em cada lugar: na cabana, dentro do rio, debaixo das árvores, nas ribanceiras, no alto dos coqueiros. Fantasiávamo-nos de mil maneiras, imitando os pássaros, os peixes, as serpentes e os quadrúpedes.

Muitas vezes, sentados ou deitados debaixo das árvores, dormíamos e sonhávamos transformadas em figuras que jamais imaginávamos possíveis. Quando acordávamos, nosso pai

estava escrevendo, como se dormisse, os olhos cerrados. Corríamos para perto dele, olhávamos para o papel e nada entendíamos. Ele se sobressaltava e começava a rir, a rir muito, como se não fosse mais possível deixar de fazê-lo. Nós o acompanhávamos no riso, até que pedíamos a ele que lesse, em voz alta, o que estava escrito. Assustávamo-nos, então, porque havia grande diferença entre o que contáramos e o que ele lia. Pensávamos que tínhamos perdido a memória e chorávamos, desesperadas. Ele ficava triste, chorava também e dizia que, na verdade, não disséramos aquilo mas que ouvira nossas vozes interiores, enquanto dormíamos. Íamos então tomar banho no rio, para nos tornarmos leves e delgadas, capazes de falar do mais fundo de nós mesmas. Brincávamos com as piranhas, sem medo nenhum, nadando e mergulhando, ele nos protegendo com seu olhar, sentado à beira do rio ou navegando em sua galera, como chamávamos, por brincadeira, cada nova canoa que ele fabricava.

Nessa época vivíamos uma grande crise de medo, que era horrível e nos deixava muito tristes, chorosas, magras, feias, pálidas e lerdas, medo que esquecíamos quando começávamos a contar histórias para nosso pai. Nos nossos céus voavam gigantescos morcegos, em grande algazarra, aos bandos, gritando assustadoramente e batendo as asas com estardalhaço. Sabíamos de sua sede insaciável de seiva, pois as árvores murchavam, secavam, como se um sol de fogo as queimasse, e os frutos apodreciam ou desapareciam, como se invisíveis pássaros sorvessem-lhes o suco, deixando-nos sem alimentos para as ceias da manhã, e as pessoas eram cruelmente raptadas e conduzidas para as alturas mais distantes, em vôos espetaculares, onde eram violentadas, exauridas e lançadas, abobalhadas ou sem vida, às beiras dos rios, que desapareciam, os menores, ou se reduziam a riachos, os maiores, como o nosso São Francisco, e os peixes, nossa alimentação predileta, eram devorados aos milhares.

Dizia nosso pai, em momentos de lucidez ou de maior crise, que os tais monstros vinham do norte, afugentados pela matança dos índios. Dizíamos nós, no entanto, que eles vinham de mais longe, das estrelas, pois só apareciam em noites de grande escuridão. Mas pensávamos que nada disso existia, que

tudo não passava de fantasia de nosso pai, pois não nos recordávamos de que os tivéssemos visto alguma vez. Críamos até que tudo não passava de mais uma longa história por nós contada, pois costumávamos passar dias, semanas e meses contando uma só história, que absorvia todo o nosso tempo, que tomava conta de nossa vida, que se tornava nossa própria vida.

Um dia, ancorou diante de nossa cabana uma enorme galera e dela descarregaram umas malas antigas. Nosso pai conversou com os desconhecidos, que não pisaram a terra, durante algum tempo, e depois carregou as malas para dentro da cabana. Quando voltamos, a galera já estava perto do mar. Nosso pai nos chamou, abriu as malas e nos mostrou muitos livros, que disse serem as nossas histórias em inglês, francês, alemão, espanhol, russo e outras línguas desconhecidas. Folheamos, um a um, os grossos volumes, rimos das figuras, sem nada entendermos. Ele então começou a olhar para as páginas e a falar umas falas estranhas mas que logo entendemos. E tal era a pujança de sua voz, que os pássaros pousaram sobre nossas cabeças, silenciosos, e as águas do São Francisco pararam de correr. Foi então que vimos pela primeira vez um monstruoso morcego parado no ar. Não nos assustamos mais. Apenas olhamos para o céu e o vimos subir em direção ao sol, para nunca mais voltar.

DETALHES INTERESSANTES DA VIDA DE UMZIM

PARTIDA OU COMO INTRÓITO

Um chorinho ecoou estridente por toda a tapera, erguida durante a entressafra passada num serrote da Candeia, e fê-la estremecer em suas estruturas e em seus tetos de palha de coqueiro. Um raquitismo esquisito e ao mesmo tempo muito comum naquelas cercanias. Um sentir amargo, como nos duzentos e tantos dias anteriores não sentira. Uma vontade quase danada de regressar, não fora o tanto sangue, não foram as mãos danosas da velha cachimbeira, não fora a inutilidade inquestionável do intrometer-se útero a dentro. Um caos só comparável ao existir doravante e ao morrer dali a tantas léguas.

O QUASE REGRESSO

Doeu-lhe feroz nas entranhas uma diarréia dos diabos e abateu-se-lhe sobre os pouquinhos quilos uma febre nunca antes tão ardorosa e quase mortal, que ninguém previu e sequer diagnosticou. Um sofrer que nem ao nascer parecido sabia, se a tanto ousa alcançar a medida humana.

NOITE DE NATAL

Rezaram velhas rezas as desdentadas bocas dos pais. Na igrejola de pau-a-pique uns cânticos medievais mostraram-lhe de leve um tico do Belo que os homens de muito saber e profundo sentir nos mosteiros do Velho Mundo artesanaram. Um antigo presépio de gesso imitou os mil e novecentos e um anos do deus dos pobres ocidentais. E foi tão grande a alegria dos homens, que do menino esqueceram o primeiro mês.

TU ÉS CHIQUIM

O pai cuspiu-lhe a carapinha nascedoura de respingos de cana, chamando-o pelo nome de Francisco. Mas só mais tarde, muito mais tarde, quando Seu Gabriel prometeu mundos e fundos aos seus moradores, foi que Chiquim se fez Francisco do Nascimento Silva.

PRIMEIRO 25 DE NOVEMBRO

Mas eis que impossível seria esquecer-lhe o aniversário. E sua mãe, já então mãe novamente, sorriu e chorou, cantou e falou, que seu Chiquinho o primeiro embate gregoriano vencera. E disse ao pai, que sorriu e falou, que bebeu e cuspiu, que comeu e dormiu, que arou e pensou, que sofreu e gozou, que que que...

O APELIDO

Umas datas passadas, já dadas passadas, Francisco resmungou assim e assim um ou outro un, hum ou hun, e destarte principiou a longa caminhada pela difícil estrada da língua materna e paterna. E por isso seus pais inteligentemente gracejaram, que ainda era tempo de graça fazer, e o chamaram de Seu Umzim, para depois facilmente retirarem o tratamento sem tempo. Até que toda a vizinhança e especialmente toda a garotada gostou do apelido deveras fácil de pronunciamento, deveras lido na boca de todos.

DEZ ANOS UM CHIQUIM DIZIA

Tanto um ou un Chiquim pronunciou (e não fora tanto, que tanto Umzim a si não imputariam) que não mais esquecer podia o estreito mundo de Candeia o nome fácil do primeiro filho de Zeferino. E tanto isso é verdade, que aos dez anos Umzim trepava mangueira, nadava riachos, devorava bananas e ao pai servia no labor corriqueiro de lavrar a terrona de Seu Gabriel mas não esquecia de dizer e dizer assim e assim: um hum un hun.

O BANHO FATAL

E como tem que acontecer, quer haja sol, quer haja lua, um dia Umzim virou, sem quê nem praquê, os olhos pretinhos pro corpo banhado de Joaquina franzina e seu frágil dedinho, como ele o chamava, se fez rijo demais, que a mão já calosa foi pra lá e pra cá, até que a mocinha nuinha se fez nuinha nuinha nas águas friinhas do velho riacho.

FATAL — II

E como tem que acontecer, quer seja Zeferino, quer seja Estaline, um dia o pai de Umzim foi conduzido debaixo de vara pro fundo da terra que tanto lavrara, deixando chorosa sua já rota mulher e sem porra nenhuma uma penca de filhos, de doze a um anos.

PANELADA E AMOR

Lutando consigo, porque de luto ainda ,Umzim resolveu dar uma de macho e foi à cidade comer panelada. E já lá se alembrou da conversa de dois seus bons companheiros e foi, pé ante pé, ao casal das meninas provar do amor e testar seu calor de noivo de Rita, bonita morena das bandas de lá do Riacho da Pedra.

DIVERSÃO NO TERREIRO

Dez anos após, esquecido do amor das meninas da Vila, nasceu-lhe o décimo de uma série de filhos, dos quais os quatro restantes se divertiam no terreiro da velha palhoça com as bolotinhas pretas que das entranhas das magras cabritas caíam pequenas quais grãos de café.

A FUGA

Quando, por ordem estranha, foram queimados os cafezais, Umzim tomou a desastrosa decisão de tomar o rumo da cidade pequena, onde se comia pão e se estendia a mão. E foi pedir a proteção de Deus Nosso Senhor e do Doutor Comendador.

APENAS UM

De tanto pedir, Umzim não morreu e nem morreu sua mulher. Apenas aconteceu que de desinteria um dos moleques seu de três ou quatro anos foi ser enterrado no velho camposanto da cidade centenária, onde as ladeiras calçadas levam à capital.

NOVA VIDA(?)

Secos os rios (ou riachos?), secaram as bocas. E como fosse tanta a sede, que de fome já nem se falava, Umzim, mulher e filhos juntaram os trapos e, aproveitando o declive, rolaram até à estação dos trens que levavam ao mar de muitas águas. E o trem partiu treco-treco e levou a palidez e o medo dos dez olhos.

BOLINHO DE ARROZ

O trem ficou, a estação também, o sol se escondeu e uma lata de lixo se aproximou. E dentro, bem dentro, Umzim encontrou um belo e apetitoso bolinho de arroz, que dividiu em cinco iguais pedacinhos, que desapareceram tão logo às bocas foram jogados.

1.º DE ABRIL

Numa casa modesta de uma rua comum, Umzim bateu palmas e pediu uma esmola-pelo-amor-de-deus. Antes, porém, que dissessem perdoe ou espere um pouquinho, um carro parou a dois metros de suas costas e dele saltaram quatro fortes rapazes, que visitaram a casa da possível esmola e de lá arrastaram um jovem de óculos. E Umzim, mui medroso, saiu, sorrateiro, para olhar da esquina a cena dantesca que em Candeia não vira jamais e em quase estátua de sal transformar-se.

A CIDADE COMEU ROSINHA

Esquecido da fome e do frio, Umzim se lembrou que debaixo da marquise do Cine Diogo faltava Rosinha, levada pra

longe ou pra perto ou pra onde a boca do mundo mais gulosa estivesse. E não pode sentir uma lágrima no rosto de sono nem uma queixa à polícia fazer, porque debalde seria o esforço já gasto ao longo da vida.

LAR, DOCE LAR

Um dia, já tonto de tanto rodar, foi descobrir uma ponte sem rio, por onde muito antes só um trilho corria, e lá erigiu, cantando um xote animado, seu lar mais perfeito, porque de concreto bem feito. Mas logo, bem logo, outros tantos e tontos por lá se abrigaram, fazendo do nada um pequeno conjunto habitacional, imitando o estilo caótico das favelas-modelo das grandes cidades do Sul do país.

TRAGÉDIAS

Numa rixa terrível em noite incrível um monte de cinzas e brasas levou pro Instituto Médico-Legal o filho mais novo, que de lá não voltou. E de que resultou o litígio segundo debaixo da ponte — o desquite com a Rita das Candeias.

A DORMIDA FINAL

Mas ontem, só ontem, foi Umzim dormir muito só, num banco qualquer da antiga Praça da Lagoinha, depois de tentar o coreto da mesma, repleto de fezes e outros fedores. E dormiu noite adentro, até que só hoje, só hoje um jornal, sem manchete e sem cruz, num canto de página, estampou sua foto de mendigo morrido de fome ou de frio? de ferido de amor ou de dor muito longa?

ROMOS

"Os teus príncipes são como os gafanhotos, e os teus chefes como os gafanhotos grandes, que se acampam nas sebes nos dias de frio; em subindo o sol voam embora e não se conhece o lugar onde estão. Os teus pastores dormem, ó rei da Assíria; os teus nobres dormitam; o teu povo se derrama pelos montes, e não há quem o ajunte."

Naum, 17.18.

Chamou-nos de lá, do alto ou do fundo da terra, um Messias novo, uma voz interior apocalíptica, a necessidade de salvação urgente ou seja lá o que for. Abrimos os olhos, avistamos a névoa misturando-se às nuvens, o verde empalidecendo, e corremos irmanados pela estrada que leva aos píncaros da serra, lá onde os jesuítas ergueram seu castelo no meio de seu feudo.

Já pisamos meio caminho de subida. Ainda avistamos a via-sacra, que não mais tocamos com os pés, para não nos comprometermos com as obras dos que fabricaram nossa desgraça. As borboletas ainda poisam sobre nossas cabeças, enchendo-as de fantasia. Recordamos as mãos invisíveis que nas noites intermináveis suspendiam nossas redes até às telhas. Embora nos firamos nas urtigas traiçoeiras, estamos catando flores silvestres, para não nos esquecermos destas cores, quando penetrarmos as grutas sem luz. Já chupamos todas as mangas que o tempo derrubou no meio do caminho e debaixo das mangueiras dos sítios que ladeiam a estrada. Já nos lava-

mos dez vezes nas águas apressadas e frias das levadas. Descemos, os mais afoitos, ao Poço da Moça, para nos banharmos de coragem, e pulamos as altas e gigantescas pedras por onde as águas do rio deslizam e onde as lavadeiras passam seus dias. Penetramos as hortas e devoramos as verduras que os moradores cultivam para a cela dos padres. Como se para assistir à destruição das cidades da campina, voltamo-nos de defronte ao castelo para uma última visão da nossa, sem medo de nos convertermos em estátuas de sal. Tudo pequeno e distante. Uma nódoa esbranquiçada no meio do verde do vale. Decididos e medrosos do passado e do embaixo, vasculhamos os três pavimentos do velho seminário e escutamos as vozes perdidas dos meninos que lá brincaram, rezaram e estudaram. Na saída, batemos a cachorra, para assustar os fantasmas que habitam a tristeza das noites. Corremos, suados e sedentos, para a bica da barragem e nos lavamos um a um. Subimos a parede e nos ensopamos de sujeira. Pelas enormes fendas as águas escorriam, ameaçando estourar a sólida parede. Por precaução, voltamos à estrada e tomamos o rumo de Caridade. Não mais uma estrada, apenas uma vereda. Cansamos mais e parávamos de instante a instante. Entretínhamo-nos a ver as grandes formigas pretas, chupávamos os coquinhos das babaçus descomunais que nascem no fundo dos abismos e vêm mostrar suas folhas no alto onde a vereda se fez, e escutávamos os cantos dos pássaros, para esquecermos os ferimentos que as pedras faziam em nossos pés. Mil vezes cansamos, mil vezes descansamos. Quando lá chegamos, mal tivemos curiosidade de escancarar as portas e janelas do casarão. Acampamos nos treze degraus e na calçada em sombra, voltados para o vale já muito distante e já muito embaixo. No quintal, porcos comiam jaca, galinhas beliscavam o chão, laranjas e tangerinas apodreciam nas árvores. Mais adiante, engenhos de cana tomados de mato. Um abandono completo. Estávamos novamente suados e sedentos. Sabíamos que havia uma bica mais no alto. Subimos por outra vereda. Encontramos uma casinha de taipa, a casa do antigo morador, desabitada e prestes a cair. No chão, uma baladeira. Voando e cantando, pássaros variados. Bebemos água límpida que escorria de um cano. A bica estava cercada. Nada mais havia a ver sobre o

chão. Restava buscar as grutas. Regressamos para tomarmos a vereda perigosa que leva à Gruta dos Morcegos. Outro abismo nos esperava. Seguimos, prudentes. Tropeçamos em árvores caídas, em galhos ressequidos, em folhas de palmeiras. Chegamos à gruta e tratamos de escalá-la. A areia era negra e fina como pó de carvão. Sujos, arrastamos-nos sobre a grande pedra e partimos em busca da caverna. Espantamos os morcegos e as cordas que pendiam dos tetos de monólito e descemos pela profunda grota que leva ao interior da terra.

Nós já fomos pacatos, trabalhadores e puros. Construímos esta cidade em mais de cem anos. Alimentamos meio sertão de frutas e legumes. Exportamos café para os brancos do Sul e gênios a quem nunca erigiram uma estátua. Outrora aqui os primeiros homens da terra viviam no Éden. Depois vieram os portugueses e os jesuitas e começou nossa ruína. Odiamo-nos, matamo-nos, roubamo-nos, caluniamo-nos, atraiçoamo-nos, tornamo-nos Madalenas, traímos nossos esposos e nossas esposas. Nossos comerciantes faliram nos bares, cassinos e cabarés. As moças foram desvirginadas e os moços se entregaram à vadiagem. De adoradores da Natureza, passamos a adoradores de estátuas E, não suportando mais nossa traição, assaltamos os altares e profanamos os templos, mesmo antes da fuga dos padres, que abandonaram os conventos, os seminários e as igrejas. Esquecemos o latim, a missa, as orações e a Bíblia. E, inexplicavelmente, pisoteamos os jardins, desfolhamos os benjamins, desmatamos a serra, sujamos de sabão e sangue as geladas e límpidas águas de nossos rios, agora divididos por cercas de pau e arame aqui e acolá, margeados por cruzes e monumentos aos que roubaram os pobres, queimamos os cafezais e nos alimentamos hoje unicamente de banana e manga, que mal alimentam os poucos pássaros que não fugiram para o sertão. Derrubamos os velhos casarões ou deles fizemos bares e albergues de mulheres longínquas para nossos homens corrompidos. Erigimos por todas as cercanias casebres de taipa, fazendo de nossa cidade uma Canudos pequena. E, num passado recente, adoramos os ditadores europeus e nos destroçamos em defesa de ideais diabólicos, esquecidos de nosso verde e de nossos cento e tanto anos. Hoje morremos raquíticos aos

trinta anos, quando não nos assassinamos aos vinte ou somos levados pelas águas ardentes aos quinze, frágeis que já somos, degenerados que já estamos.

Por tudo isto, estamos fugindo, por tudo isto, temos que fugir, abandonar esta Sodoma serrana, esta Jerusalém de taipa, e nos refugiar nas grutas mais escuras e mais profundas desta serra farta.

Estamos descendo este rio, sem rumos, sem ramos, sem remos, mas rimos, rimos, rimos

CAVALOS DE TRÓIA

I

O alto-falante, que há mais de vinte anos espantava duas ou três vezes por dia os pombos que arrulhavam junto aos jacarés do Caffe Portuguez, não pode cantarolar o finalzinho da valsa que fazia as moças sonhar: "Eu quisera por vingança ver teus olhos de criança na tristeza de outros olhos". Porque uns roncos inusitados, tais quais os de fera, como supôs o futuro locutor da Rádio Uirapuru, em fantástica anteaudição, repercutiram debaixo de todo o céu da vila. Espantado, o aprendiz soqueou o microfone e galhardamente anunciou: "Atenção! A cidade está sendo invadida por uns móveis de ferro..." e se engasgou com a língua.

As mulheres e algumas crianças, prenhes de pavor, debruçaram-se nas janelas e viram, horrorizadas, a causa de tanto barulho. Os meninos, que bricavam de bola-de-meia no meio da rua, acordados do susto, de um salto, se esconderam atrás das grandes portas de madeira. Os burros se assustaram e, com suas carroças antigas e seus carroceiros mais velhos ainda, subiram as calçadas, e uma galinha foi atropelada incontinenti.

Soube-se, mais tarde, que o motor de tanto rebuliço foram três automóveis que entraram na cidade, tais cavalos-de-tróia, como se a invadissem. Dentro, apenas um homem. No primeiro. Os outros desfilavam atados por grossas cordas ao desbravador.

II

Passados os momentos de geral estupor, quase tudo voltou ao seu ramerrão. As carroças rangeram novamente na rua,

sem a mesma mansidão porém, puxadas por seus mesmos velhos burros. Os meninos com suas bolas-de-meia imitaram com mais perfeição Zizinho, Leônidas, Ipojucan, Barbosa e outros ídolos. O alto-falante voltou a irradiar valsas de amor. Os pombos, já esquecidos do espantalho de todo dia, arrulharam com a harmonia de sempre nos telhados do Caffe Portuguez. E houve missa em latim e sermões contra o progresso e a máquina nas muitas igrejas brancas da cidade.

Nos cafés, porém, os homens beberam e jogaram mais e falaram pela primeira vez da nova riqueza do filho de Daniel Montefusco. No Cine Brasil, Buffalo Bill dizimou os peles-vermelhas à vista apenas do operador e das pulgas. Nas calçadas, à noite, enquanto a Lua brincava de esconde-esconde com as nuvens e as estrelas, entoada a tristíssima Ave-Maria, e enquanto o rádio transmitisse a Voz do Brasil, as mulheres, tão misteriosas quanto no dia em que a filha do boticário se perdeu no Beco da Onça com o respeitável Josué Montezuma, armazenista de secos e molhados, devoto de Santa Luzia, que o livrara da cegueira no tempo da peste, e casado com a digníssima Nazaré da Conceição, a que quando solteira andara de amores com o hoje invejável Daniel Montefusco, as mulheres, digo, cochichavam e contavam histórias sem fim de minas e minas de ouro, de fortins holandeses recém-descobertos e de fotografias escandalosas, onde apareciam, entre o mar e a terra, um jovem mui galante e mulheres tão extraordinariamente exóticas que matavam de inveja as puríssimas Filhas de Maria.

III

Dias depois que a voz de Galhardo repentinamente se engasgou, algumas mocinhas estavam definitivamente tristes, uma bodega cerrou suas portas, porque seu dono se enforcou, um homem espetou a esposa com um par de chifres de bode e um jovem mui galante fugiu com a noite, deixando, defronte à casa de Daniel Montefusco, três Cadilacs, onde agora os ex-jogadores de bola-de-meia bricam de esconde-esconde.

A ODISSÉIA DE CARLOS MAGO

O capitão, o homem, o cavalariano orgulhava-se do nome Carlos mas irava-se quando o chamavam de Carlos Mago. Supõe-se que este mago significasse magro, vez que havia outros Carlos em Baturité mas de importância apenas ele e Carlos Gordo, galista como ele. Por que era um magro como um pau de vassoura e outro gordo como um porco? Diziam que o primeiro, eterno perdedor de apostas fraudulentas presididas por outro Carlos, o Chefe, dono do único rinhadeiro da cidade, deixava de se alimentar para tratar seus doze galos à base de aveia, girassol, lingofex intramuscular, pantetonato de cálcio, nicotinamida, vitamina K, ferro, fósforo e iôdo. O outro, o sempre ganhador das apostas, amigo, parente e correligionário de Carlos, o chefe político, seria gordo por isso mesmo. Assim, a explicação parece plausível, tendo-se ainda em conta que mago no linguajar nordestino é corrutela de magro. Porque, de outra forma, o mago seria o gordo.

O quadrúpede, o condutor do capitão, o cavalo, "um alazão famoso, bralhador e galopante, tão enorme quanto um cavalo de imperador, rei ou guerreiro", chamava-se Carlos Galo. Montado nele, o cavaleiro quase que desaparecia entre as crinas esvoaçantes. Mais parecia um simples e mínimo adorno... humano. Na estrada era o cavalo quase tão somente. Só os mendigos cegos enxergavam um cavalo e seu cavaleiro. Os mais habitadores daquelas bandas só viam um cavalo fantasma que atravessava nu as estradas e as veredas, relinchando e bralhando. E às vezes cantando como um galo na madrugada. Não se sabe, daí, quem lhe apelidou galo, se o dono, se o povo. Dizem ainda que quem cantava era Carlos Mago, toadas de entristecer as pedras, no caminho ou no

descaminho das rinhas. Perdedor sempre, nunca chorava — cantava. Cantigas chorosas. Não seriam dois, seria um só bicho nos ermos — metade homem: Carlos, metade quadrúpede: cavalo. Daí galo: bicho que canta.

Estudiosos do romance de cavalaria vêem em Carlos Magno a origem do nome do cavalo de Carlos Mago. Brazilianistas vislumbram Charles de Gaulle. Mas os humoristas brasileiros não vêem mais do que uma estreita relação entre o homem Carlos Mago e o cavalo Carlos Galo. Um seria Mag(n)o, outro galo, gaulês. Ambos Carlos. No fundo seriam um só fenômeno: cavaleiro-cavalo.

Os doze galos, todos iguais em idade, tamanho, peso, penas, armadura e nome. Todos Carlos.

Os quatorze iam assim armados: o cavalo sadio, cascos de ferro, esporões, chifres artificiais de touro e dentes afiados à lima; o cavaleiro tísico, tossindo permanentemente, cantando, peixeira à cintura, pau de vassoura à mão direita, esporas, pracatas de rabicho, banguela e dois chifres invisíveis sob o chapéu de couro à Lampião; os doze galos, logo atrás, em fila indiana, esporões naturais e de metal e bicos também naturais e de prata, cristas eriçadas, pescoços de girafa, rijos como cabos de aço, asas espalhadas como as dos aviões, coxas musculosas como as dos atletas humanos. Os doze carregavam consigo a glória e a fama de terem fendido o ventre de outros doze galos, o que não impediu que seu dono perdesse todas as apostas — apostando nos adversários.

A Coluna Carlos, como foi denominada a marcha cavaleirosa capitaneada pelo galista Carlos Mago, partiu do Sítio Dom Chicote, no Município de Baturité, quando chegou aos ouvidos dos Carlos a notícia da proibição de rinhas imposta pelo homem da vassoura.

Estranha atitude esta de Carlos, pois foi ele, na qualidade de fabricante de vassouras e de gari não reconhecido e não remunerado pela Prefeitura, quem iniciou a campanha janista naqueles rincões cearenses, munido de um bigode e de uma vassoura, percorrendo estradas, lugarejos, vilas e ruas da cidade, lutando pela limpeza da pátria e especialmente

de Baturité, que vivia invadida de animais de todas as espécies — suína, bovina, caprina e cavalar, a sujar as ruas e atormentar as vistas castas de damas e donzelas.

Estranho também é que, tão logo seu candidato foi eleito, tenha trocado uma profissão de quase meio século e capaz de fazê-lo homem, marido e pai de doze barrigudos pela tão desastrosa de criador de galos de briga — ele que sempre fora tão manso e tão pregado à terra. Pois ainda trocou três mil vassouras e um jumento de estimação por um cavalo velho e doze pintos órfãos.

Ao passar pelas ruas da cidade, foi vaiado pela molecada e saudado pelos bêbados, que gritavam, moleques e bêbados — viva o galo! A comitiva, porém, parecia alheia às manifestações públicas e seguiu airosa sua marcha guerreira.

No meio do caminho, meio-dia, foi interceptada e interpelada por uma outra que vinha de Fortaleza. Era um carro grande cheio de gentes astutas no perguntar e curiosas no manejar máquinas. Aborrecido, o cavaleiro mentiu: que ia às Índias, à China, à Pérsia, à Indonésia e à Grécia levar a formosura e a valentia dos galos do Ceará. Liberado, à noite, ao transitar pela Avenida João Pessoa, viu-se nos vídeos dos aparelhos de televisão marchando à frente de doze galos. No áudio, ouvia-se: retirantes nordestinos buscam o Oriente, fugidos da seca...

Ninguém os viu chegar à José de Alencar, nem tomar, alta noite, o rumo da estrada que poderia conduzí-los ao Planalto Central, onde, de certo, nunca chegaram e, se tivessem chegado, não encontrariam mais a mira de suas iras.

AS PEQUENAS TESTEMUNHAS

Ela nunca se atrasava e sempre saía depois de nós. Talvez até morasse lá. Também não podíamos deixar a sala de aula sem a sua permissão, nem passear pelo campo. Durante o recreio, ficávamos nas imediações das salas, passeando pelo corredor estreito ou olhando para o mato que circundava a escola. Não havia muitas árvores e, assim, podíamos ver quase toda a extensão do campo, que parecia deserto de outros prédios. Tínhamos, mesmo assim ou por isso, grande ânsia de conhecer todo o local, embora acreditássemos que nada de bonito pudéssemos encontrar. Queríamos saber, porém, para onde eram levados aqueles homens que diariamente passavam diante da escola em direção ao campo. Iam cabisbaixos e tristes, geralmente algemados, seguidos de soldados armados. Durante os primeiros dias fizemos perguntas à professora: "quem são esses homens? para onde vão?" Ela ficava calada por alguns minutos, como se procurasse as palavras que deveria dizer, e, por fim, respondia: "são inimigos da Pátria e estão presos." A resposta nunca nos pareceu clara mas fomos aconselhadas por ela a não mais fazermos perguntas sobre aquilo. Assim, procurávamos nós mesmas respostas para nossas perguntas. "São ladrões", diziam umas. "Mataram criancinhas", diziam outras. Não sabíamos, na verdade, o que haviam feito aqueles "inimigos da Pátria". Chegávamos a trocar desaforos, tal a ânsia de parecermos as mais sabidas, cada uma se dizendo a dona da verdade. Para tirarmos as dúvidas, resolvemos perguntar à professora o que faziam os "inimigos da Pátria". Ela mais uma vez pareceu não saber o que dizer e, depois de algum tempo, disse: "quiseram derrubar nosso governo." Ficamos ainda mais insatisfeitas, pois não sabíamos realmente o que era governo, nem onde estava, para poder ser derrubado.

No recreio, voltávamos a discutir: "o governo é aquele prédio alto da Rua Marechal Deodoro, onde os soldados moram", dizia uma. "São as ruas, as fábricas, os carros pretos e os prédios altos", dizia outra. "Mas como é que os "inimigos" vão derrubar as ruas?" Perdíamos, então, nosso tempo nessa discussão e não brincávamos. Quando aqueles homens tristes passavam por nós, ficávamos também tristes e perguntávamo-nos para onde iriam. Depois, ouvíamos disparos distantes e assustávamo-nos. "O que foi isso?" Nossa professora ficava irritada e dizia: "vocês estão aqui para estudar e não para se preocupar com os treinamentos dos soldados."

Naquele dia conseguimos chegar antes dela e imediatamente tivemos a idéia de penetrar no mato. Alegres, corremos, livrando-nos dos espinhos e das pedras. Olhamos para trás e não mais vimos o prédio da escola. Algumas quiseram voltar mas a maioria insistiu que devíamos descobrir para onde eram levados os "inimigos da Pátria". De repente, ouvimos tiros e quisemos todas regressar, assustadas como passarinhos. Tremíamos de medo e algumas começaram a chorar: "eles vão nos matar". Resolvemos, as mais afoitas, dar alguns passos em direção ao local onde deveriam ter sido dados os tiros e foi então que vimos alguns soldados de armas na mão a olhar para dois homens, provavelmente "inimigos da Pátria", pois pareciam com aqueles que diariamente passavam tristes e cabisbaixos diante de nossa escola, caídos e ensanguentados. Voltamos imediatamente correndo e, cansadas e sem fôlego, começamos a contar para as que não foram conosco e para a professora: "vimos... os sol...dados... ma...tar... os ini...migos...". Ela ficou furiosa e nervosa e gritou, como uma louca, que era mentira, que ninguém matou ninguém e que nunca mais fôssemos ao campo.

Dias depois, nossa escola foi cercada por um muro muito alto. Mas continuamos a ouvir disparos.

30 de maio de 1977.

HOMENS

— Isso se deu nos tempos antigos, muito antes de Lampião, muito antes do Imperador, muito antes da seca dos três sete. O dito coronel tinha uma data de terra ali pros lados do Mulungu e já estava meio velho, aí pela casa dos noventa. Pra lhe dizer como ele era rico, basta citar as preciosidades que tinha em casa: um baú cheinho de pedras, sete papagaios que falavam francês, seis filhas donzelas que conservava debaixo de sete chaves para casar só com príncipes loiros e uma porção de coisas outras de valor. Mas porém isso não vem ao caso. A lenda conta é que esse tal sesmeiro, depois que virou o cabo-da-boa-esperança, passou a freqüentar as autoridades da província e das vilas: juízes, procuradores, alcaides, tabeliães, escrivães, vereadores, tesoureiros, vigários, militares...

À pequena distância do homem que falava e de outro, que estavam sentados em cadeiras de balanço, um defronte para o outro, uma criança, sentada no chão, tentava acionar o pinguelo de um revólver de plástico. Ao conseguir firmar numa mão o brinquedo, regozijou-se, rodopiou com a bunda assentada no chão de cimento liso e fez menção de atingir primeiro o homem que falava e em seguida o outro, gritando pô-pô-pô, seguidamente, durante quase um minuto. Os homens, entretanto, nem se assustaram, nem demonstraram sequer ter percebido a presença do traquino, continuando um a falar, outro a olhar atentamente para uma figura que segurava firmemente com as mãos e que apresentava um soldado montado num cavalo, ambos de perfil. O militar era novo, trajava fardamento antigo e trazia a tiracolo uma espada longa. O animal era baio, muito grande e bonito e parecia cansado.

Sem dar ouvidos à desatenção do homem da figura, o que falava incessantemente dizia que o fazendeiro procurou então o vigário da freguesia, que se encontrava escrevendo uma carta para o vigário da Vila de Aquiraz, e passaram a conversar sobre terras, política e safadezas, até que o ricaço soltou uma frase curta mas que fez o reverendo trancar a cara. A tal frase dizia mais ou menos isto: Este jucá deve ser lá bem possante.

A criança, nesse momento, já de novo de costas para os dois, olhava para o alto da parede, de onde pendia um crucifixo de madeira de cerca de meio metro, ornamentado por um Cristo de prata, possivelmente. Para melhor se equilibrar, pôs as mãos para trás e esticou as canelas, encostando os pés sujos na parede azul.

O homem que falava dizia que o sesmeiro aproximou-se da estrebaria, onde cerca de vinte cavalos assediavam cerca de outro tanto de poldras, e pôs-se a olhar nervoso para a cena. Em seguida, chamou um dos cavalos pelo nome — Mimoso —, que se abeirou da cerca excitado e ergueu as patas, mostrando ao dono o maravilhoso membro enrijecido.

Por seu turno, o homem calado olhava uma segunda figura, do mesmo tamanho da anterior e figurativamente tão perfeita que tanto poderia ser uma fotografia ~~quanto~~ como um desenho célebre. No entanto, estava desbotada e apenas dava a perceber um padre ajoelhado diante de uma imagem, possivelmente da Virgem Maria. Movimentando apenas as mãos, como que para não fazer ranger a cadeira, aproximou dos olhos a figura, mais exatamente o ângulo superior direito, onde estava fotografada ou desenhada a santa mãe de Deus, se era esta o que representava a imagem figurada.

Ainda totalmente alheia ao que dizia o homem, que falava quase gritando, como se o outro fosse surdo, a criança agora estava no outro extremo da sala, escanchada em uma sela encostada à parede, como se galopasse um cavalo. A sela rangia e a criança batia os pés no chão, imitando patas de cavalo, ao mesmo tempo que incitava o animal a trotar, fazendo com os lábios um ruido engraçado.

Infenso à zoada que fazia a criança, o homem dizia agora que o barão chamou um índio da Vila para irem ao rio e o

índio mostrou-se esquivo. O velho sesmeiro trazia na algibeira um pão e, sorrindo, ofereceu-o ao selvagem. Seguiram em direção ao riacho, o barão apontando acolá, o índio dizendo **dehêtsi** (*), o branco afirmando perto, o vermelho perguntando **dedé?**, o civilizado tirando a roupa, o selvagem falando **croné.**

Já chovia quando o homem que nada falava olhou para uma terceira figura, a criança pôs-se a agitar nas mãos uma espécie de brinquedo bizarro e o outro continuou sua história, então dizendo que já era noite escura e chuvosa quando o fazendeiro, como último recurso, dirigiu-se à capela de taipa que se erguia num extremo da vila. Um clarão alumiou toda a sala e o homem viu perfeitamente que na foto ou desenho apareciam duas figuras de gente, enquanto a criança fazia grande algazarra, como se com medo ou alegria, e o outro dizia que o velho saiu correndo em meio aos trovões e ao ladrar dos cães vadios que o não reconheciam. A porta se escancarou à força da ventania e um frio de arrepiar penetrou na sala com fúria. A estampa quase voa da mão do homem, quando ele constatava que uma das figuras apresentava uma cara de incontida ira, enquanto na do outro um pavor de morte próxima reluzia. A criança, ou por temor à tempestade ou por se ver tomada de algum transe peculiar ao ritual que ensaiava, parecia dançar ou pular entre os dois homens, sem com eles se importar, como se não existissem ou não estivessem presentes. Um dos homens dizia que o velho alcançou a capela e divisou, a um relâmpago, as várias imagens sobre altares e mesinhas, inclusive a de um Menino Jesus deitado sobre palhas numa estrebaria. O vento continuou a açoitar as portas, a balançar as cadeiras, a agitar a figura nas mãos do homem, a sacudir a cabeleira da criança. E na estampa trêmula um homem vestido tinha o braço erguido a segurar uma longa espada. A criança agitava no ar o brinquedo. O outro falava do barão apalpando a imagem. Nos olhos do índio o espanto. O maracá rodopiando. O homem nu. A cabeça prestes a rolar. O maracá caindo. O barão assentando-se sobre a imagem de pau.

Brasília, janeiro de 1979.

(*) Em língua cariri ~~debêtei~~ significa ~~caolá~~, dedé perto e croné nu

dehêtsi acolá,

SANTA SEKIKI

Do cenário

Sobre o verde das coisas e o sono das criaturas, **caiacu** arrancava, faceira no meio das nuvens — canoa subindo rio, **bucui** correndo de encontro ao ataque. E no meio do verde compacto — semente na selva —, sombria, Sekiki enegrecia o céu com seus olhos de tristeza. O resto, apenas um vozerio perdido na mata, que de quando em quando parecia afundar-se nos abismos de uma surdez infinita, para em seguida ressurgir assustador e tenebroso.

Da prece

Os olhos, que negros luziam quais faróis parados no tempo, paralisavam a lua na correnteza indomável do espaço e sussurravam saudades de quem só se ficou. E pediam ao astro grande da noite que de volta trouxesse o amante que se ausentara da serra. Canto que parecia um choro de tão triste que era.

Do amante

Murawó voara cingido de arcos e flechas, tinto de jenipapo como os demais que partiram ao encontro dos **caraí**, que haviam erguido fortes na beira do mar e já invadiam os sertões e as serras, em busca de sangue, suor e mulher. E quiçá não voltasse e morto estivesse pelo trabuco inimigo.

Da estratégia

O plano há muito traçado no oco da serra dizia somente que era preciso arrasar Aquiraz, a **natiá** dos **caraí**. Que seguis-

sem os arcos das tribos as mais diversas, das que não aceitassem a existência mortal do poderoso estrangeiro. E que desta vez não ficasse um só deles vivo, nem deles uma só palha de pé que lhes lembrasse a presença, como ensinara o **Bisamu**.

Do amor

Mas que seu Murawó regressasse e deixasse para repasto do jaguar das ribeiras o cadáver de leite do vencido estrangeiro. E viesse mais forte e mais ágil, e mais belo e mais doce, e tão furioso de amar que não conseguisse dormir nem debaixo da lua nem debaixo do sol.

Do susto

Qual jibóia gulosa engolindo um boi, uma nuvem enorme de mansa avançou para a lua e depressa engoliu-a, fazendo mais noite o mundo dormido. E nem o engano desfez-se, uma fera pior pareceu se chegar. Eram uns passos macios lhe pisando os ouvidos, que a vontade melhor foi subir a palmeira mais próxima e refúgio buscar na protetora dos céus, já livre e mais bela. E os passos surgiam de entre a folhagem mas já não feros, apenas mais negros que a noite.

Da aparição

Era o negrume de umas vestes compridas que empurravam à frente uma cruz de madeira e que há muito vinham falando de um deus criador do céu e da terra, e que não empunhavam espadas nem fogo faziam sair facilmente das mãos. E que sorrindo chegou-se e se pôs a falar da beleza da noite e da lua, e de todas as coisas do paraíso terreno, e mais, muito mais, da beleza incomum das criaturas que habitam esta serra tão fresca...

De outras palavras

Que tu és a mais formosíssima das criaturas de Deus, que só o prazer de olhar-te já vale morrer trespassado pelo veneno de mil flechas, que este corpo sem cor que o pinte, e sem cheiro que o perfume, e sem forma que o modele, e sem razão que o exista, vale mais que todas as almas subidas aos céus...

Dos gestos ainda singelos

As mãos azuladas do solitário estrangeiro se tremiam de frio não diria a floresta e buscavam arfantes o colo despido, que só pensava em saudade do seu paiacu e agora sorria de ver o bom **caraí** procurar consolá-la.

Das indescritíveis ações

Mãos que se foram enchendo de maiores desejos, já nem frias nem trêmulas, nem ardentes nem inertes, e se misturando à voz, como em ciladas noturnas. Corpo que se foi avantajando como a nuvem em caminho da lua, qual cataclismo medonho.

Da fuga

Que a assustada selvagem pensou em de novo subir à palmeira e desta à lua. E correu pela terra, como se subisse aos céus, deixando o cristão a tremer e a gemer: não fuja, não fuja, malvada cunhã; me dê um pedacinho de amor e me mande após destripar...

Da visão

Mas da lua eis que vê Sekiki vitorioso e armado chegar o amado, montado nas pernas e abanando as asas de um colorido cocar. E vem tão veloz que de pequeno grande se faz antes que outra nuvem lhe tolha o caminho.

Da descida

Sekiki pára alegre, abrindo os braços para infinito abraço e a boca mais risonha que linda para o beijo sem fim, esquecida das mãos e dos gritos do possesso **varé**. E lá vem Murawó já de arco empunhado, como se de tão longe visto tivesse a amuda em perigo. E já corre o caminho estreito que a Canindé vai levar, os pés mais velozes que as patas do **buqué**.

Do desfecho

E estaca o guerreiro e se retesa no chão, a ira apontando a vingança terrível. Uma flecha dispara e assobia na serra e alisa feroz os cabelos da jovem, que se volta ao grito do padre caído.

GLOSSÁRIO E NOTAS

Caiacu (cayaku) — lua
Bucui (bucuy) — flecha de milho
Caraí (caraí) — branco (pessoa)
Natiá (natiá) — taba
Bisamu (bisamú) — feiticeiro
Varé (waré) — padre
Buqué (buké) — veado

As palavras acima pertencem, foneticamente, à língua cariri, falada por tribos nordestinas extintas, mas achei por bem dar-lhes uma grafia aportuguesada. Na grafia original (entre parêntesis no glossário) constam do livro "Os Cariris do Nordeste", de Baptista Siqueira, Editora Cátedra, Rio de Janeiro, 1978. Utilizei-as no sentido de dar ao conto uma dimensão regional e tribal, tendo em vista que comumente só se conhece o vocabulário tupi, amplamente absorvido pela língua oficial brasileira, por razões que não cabe aqui dizer.

Afora essa preocupação linguística, procurei situar o conto no seguinte evento histórico: a cidade de Aquiraz, quando ainda vila, foi quase que completamente destruída, a 18 de agosto de 1713, pelos índios chamados Jaguaribaras, Anacés, Paiacus, Jenipapos, Canindés e outros, confederados na luta contra os portugueses e seus descendentes brasileiros, tendo os poucos sobreviventes fugido para o Forte que deu origem a Fortaleza.

TEMPOS DE MULA PRETA

Durante sua segunda vida, José Coité viveu rindo e falando. Brincava, tratando os filhos como se fossem os personagens homônimos: vem cá, filho de Sua. E nem podia imaginar que este, justamente o último da árvore, viria a desdizer toda a sua dedução, deixando cair por terra a semente tão fervorosamente plantada.

Cochilando ou dormindo, arreganhava os dentes e repetia trechos de salmos, parábolas e provérbios de Salomão: "Grita na rua a sabedoria, nas praças levanta a sua voz, do alto dos muros clama". Convencia-se a si mesmo de que o finado José Coité pecador não merecia ser lembrado. O calado que só abria a boca para blasfemar e insultar, nos dias de embriaguez. Corria os bares, os cabarés, as ruas e os caminhos montado na mula preta, feito um capeta.

Diante dos filhos, da mulher, dos companheiros de crença e dos infiéis falava enquanto ria. Dizia: minha vida foi uma e é esta. A que era fez-se de pecados, sem sentido, besta, perdida. Queimada. A que é, vejam — Jesus me salvou. Sigo, alerta. Roçado. É inverno sem fim. Não enxergavam todos o sulco divisório, nítido?

Vissem, sem maldade: José Maria, o primeiro filho, não se criou. De início, bem querido, gordinho, sadio, sabido, sapeca. Mas, fruto de tempo ruim, de pai danado, seu destino estava traçado: pecador, fadado ao fogo, ovelha negra. Chamuscada. Melhor morrer cedo, antes dos sete anos. E emagreceu, encheu-se de mazelas, apalermou-se, tornou-se malquerido. Chorão, sujo, feio. Definhava a cada versículo.

— Para que viver?

E esticou as canelas, não sabe a cidade como, nem de quê.

— Doença de menino?

Sinal de que tudo do tempo do pecado deveria desaparecer.

Essa lógica só se desfez no roçado, num dia de cobras apavoradas. E as beatas da cidade resmungaram:

— Foi-se o bode velho.

Onan contava então cinco anos de idade e já carregava a mania de andar só, de fugir dos irmãos, de desaparecer, de se encantar.

— Onde anda esse menino?

Nada de mal, dizia o velho às queixas de Maria. Esquisitices de caçula. É de boa cepa, vai dar um varão. Como os outros, nascidos da vida regrada e devotada ao Pai, a segunda, a autêntica.

A prole, numerosamente bíblica, se espalhava pela casa em harmonia de tempos de paz na tribo: Rute, Samuel, Esdras, Ester, Josué, Isaías, Daniel, Joel, Jonas, Zacarias e Malaquias. Noutro tempo seriam reis e defensores da lei de Deus. Hoje, prósperos cidadãos. Conceituados, cheios de vida e filhos, bem postos nas salas, cumprimentados e olhados com admiração.

Vigiados por José e Maria, nunca um deles escorregou numa casca de banana nem roubou frutas nos quintais vizinhos. E brincavam uns com os outros, amigos e mansos. Menos Onan, sempre arredio, jeito de doido. Vivia pelos cantos, escondendo-se, cheio de sestros. E a mãe de olho grelado, espiando, pisando macio, felina. Se Onan corria ao quintal, lá gritava ela. E o menino, assustado, voltava aos pulos, segurando as calças. Se se metia detrás dos móveis, apavorava-se com os berros de Maria. Na hora do banho ou das necessidades, um olho atento furava a fechadura da porta rústica.

— Menino sem-vergonha.

Crescia, estudava, lia, escrevia, triste, mudo. Deu para escrever diários, diabruras cuspidas nos cadernos escolares. E depois sonetos amorosos e amargurados. Indolências, dizia a viúva.

Muito mais tarde, descobriram-lhe versos sem pé nem cabeça:

Teço a rede
onde adormeço
sede de projetar-me
para o matar-me.

E outras sinuosidades a que um pesquisador deu valor e publicação.

Os irmãos gargalharam mas deram respostas a todas as indagações do estranho.

— Nunca teve namoradas.

Apaixonou-se repetidas vezes por mocinhas de todos os feitios. Por uma tal Rosana perdeu a noção até da língua. Vivia falando asneiras em estrangeiro: tes yeux sont la citerne où boivent mes ennuis. Não conseguia dormir direito, os armadores gemendo em sonhos genesíacos.

— Vai dormir, Onan.

Chegada a fase da barba, teve uma ou outra namorada, passageira, furtiva. Ainda assim, dormia muito, feito um gato velho, lia e escrevia como um poeta, inventava caçadas e banhos de rio demorados, perdido pelos becos e ruelas mais afastadas.

— Possuia desenvolvimento mental incompleto, disseram as notícias policiais, após ouvidos os irmãos.

Tinha 38 anos quando saltou da torre da igreja, ímpio como o pai nos tempos da mula preta.

Taguatinga, 26 de maio de 1980.

O FILHO DA SOLITÁRIA

Quando ele voltou, ou melhor, quando o trouxeram de volta, não o reconheci. Ou eu já estava muito velha ou ele estava muito diferente. Talvez tudo isso seja verdade. Certamente que se passaram muitos anos, pois nem ele me reconheceu. E nem ainda me reconhece. Mas como era bonita a sua fala e como era belo o seu andar! Ou estou apenas imaginando o passado?

Com suas quatro patas assentadas neste chão frio, vive mudo a um canto. Eu o aconselho a cantar, se falar não quer. E a correr, se andar não pode. Mas ele apenas coaxa e pula, de vez em quando. Como se tivesse medo de estar livre. Noto até que o que era João está mais perdido que seu olhar esbugalhado. É então que resolvo espantá-lo com a vassoura, alegando ser necessário evitar que esta casa se transforme num monturo. Do contrário, logo teremos até sapos dentro da casa. Paro e vejo que ele me olha com resignada profundidade. Depois dá um pulo, outro, mais outro e foge para o quintal. Quando me descuido ou quando é noite, está ele novamente no mesmo cantinho.

No quintal, mete-se na água suja de sabão que escorre da lavanderia, na lama que se junta ao pé do mamoeiro ou no lixo onde se amontoam os restos de comida que seriam do bacorim, não fosse o ladrão que o roubou.

Um dia desses, a vizinha da direita, ao ouvir aquele remexido na água, pôs a cabeça sobre o muro e perguntou se me haviam devolvido o porco. Enquanto imaginava a resposta, perguntei-lhe se do lado de lá o muro era tão baixo que se pudesse ver o animal. Fui buscar um tamborete, porque julguei ter ouvido roncos de porco, explicou-me. A seguir, arregalou

os olhos e perguntou de quem é este sapão? Você o está criando para engolir cobras? João olhou para a ~~cabaça~~ que falava e deu uns três pulinhos dentro da água. Ocorreu-me então a idéia de dizer que o queria para apagar brasas. A safada sorriu e disse deixe de mentira! Ninguém usa mais fogão a lenha nem fogareiro a carvão, e desapareceu. Fiquei a olhar para onde estava a cabeça, até que ouvi jogue água salgada sobre a pele dele.

Dias depois, minha vizinha da esquerda veio me perguntar se era verdade que eu estava criando batráquios. Fiquei apalermada, sem saber o que diabo são batráquios. Quando tiver alguma jia grande, me avise. Adoro jias.

Hoje me disseram que meu filho esteve numa solitária, acocorado durante não sei quantos anos.

26/5/77.

LEGENDA

De pé, José Cristiano do Nascimento, cigarro pela metade no canto esquerdo da boca, de silaque, calça frouxa, sorriso morrendo nos lábios e nos olhos negros, cabelo um tanto assanhado, não por obra do vento, posto que os demais personagens, embora não usem vaselina e tenham mais finos os cabelos, por serem mulher e criança, não apresentam esse desalinho capilar, o bigode a estaline e as primeiras rugas identificando muito cansaço para tão pouca vida. Contava então apenas 28 anos de idade, por mais que se queira ou se presuma.

Sentada, pernas estiradas e por demais juntas, Maria Virgínia Moreti do Nascimento, vestido decotado e cheio de voltas espalhado pelo capim, como uma enorme dália, no belo rosto de moça, pois ainda não completara os 23 anos de idade, um sorriso de meio palmo, como se fosse grande demais sua felicidade, embora tenha sido recolhida no dia seguinte a um manicômio em completo estado de loucura após a morte do marido.

Sobre as coxas grossas de Maria, o pequeno César, que morreria aos 22 anos de idade ao participar de uma rixa entre marginais num bar. Conta-se que sua mãe, ao tomar conhecimento do crime, tornou-se santa e que deverá ser transformada em estátua e adorada pelos cristãos da cidade: os Moretis. Um ar de estupenda admiração, olhando fixamente para a câmara, vestido de uma calça curta azul-turquesa e de uma blusinha justa de gola larga, os cabelos longos espalhados pela testa e por sobre as orelhas, que não se vêem, calçado de umas botinhas pretas e novas, pelo estado.

Depois da morte do pai e da loucura da mãe, César passou aos cuidados de seus avós maternos, por decisão judicial, ape-

sar da insistência dos pais de José em ficarem na guarda do menor, sob a alegação de ter sido Maria a causadora direta do desastroso ato final de Cristiano. Daí surgiu a célebre guerra familiar, que persiste, entre os Nascimentos e os Moretis, de que resultou até agora a morte de mais de vinte pessoas, inclusive mulheres e crianças. A última vítima, provavelmente assassinada por um Nascimento, foi Maria, em agosto do corrente ano, nas dependências do manicômio onde vivia.

Por tudo isso, César cresceu desajustado e rebelde, vivendo desde criança de rusgas nas ruas, enquanto sua mãe, vez por outra, conseguia burlar a vigilância de seus carcereiros (subornados pelo dinheiro dos Moretis, diz outra versão), para procurá-lo pelas ruas e ruelas da cidade. Até que um dia se encontraram e se conheceram: ela já velha, feia, desdentada, suja, magra; ele violento, robusto, entre a adolescência e a velhice. Diz-se que se abraçaram longamente, choraram como amantes apaixonados a quem poderosas forças separassem e travaram o seguinte diálogo:

— És tu, meu adorado César Augusto?
— Sim, mãe amada.
— E que fazes no mundo?
— Atiro pedras em monumentos, igrejas, cemitérios, estátuas...
— Por que não atiras nos homens?
— Sim, por que não atirar pedras nos homens?
— Eles são os melhores alvos.
— E tu onde estás?
— Estou presa por loucos.
— E por que foges para mim?
— Não temos para onde ir. Nosso lugar era meu marido e teu pai.
— E para onde ele foi?
— Para o Paraiso.
— Para o Paraiso?!
— Sim. Lá onde habitam as serpentes.
— Irei procurá-lo.

E se despediram alegres, como nos velhos tempos de mocidade, infância e felicidade.

Ao fundo, a famosa e antiga Igreja do Sagrado Coração de Jesus, com suas largas portas abertas, alguns fiéis que saem, posto que voltados para a rua: duas velhas de mãos dadas (parecem irmãs), um velho com uma bengala cabo de cabeça de cascavel e outros rostos ainda no interior da casa de Deus. No patamar, um carrinho de fazer e vender pipocas e o provável pipoqueiro a coçar o queixo.

Entre as torres, um céu azul como pano de fundo e nuvens brancas a dar a idéia de um crocodilo em perseguição a um carneirinho, um elefante e outras diversas figuras decorativas.

Após desembolsar a bagatela de trinta mil réis, José satisfez as insistências de Maria de aparecerem na coluna "Society Braziliense", assinada pelo famoso Miharbi, do jornal A República.

Publicada na edição do dia seguinte, 23 de agosto de 1954, traz a seguinte legenda: "Na foto, o Sr. José Cristiano do Nascimento, sua digníssima consorte, D. Maria Virgínia Moreti do Nascimento, que comemoraram ontem mais um aniversário, o terceiro do feliz enlace matrimonial, e o lindíssimo garotinho César Augusto, filho do casal. O jovem par é muito benquisto em nosso **grand monde**, razão por que foi efusivamente cumprimentado durante todo o dia que passou em sua **mansion**, localizada no elegante e fidalgo bairro das Flores.".

No dia 24, José, sem nada pagar, foi notícia em todos os jornais do País, desta feita na primeira página e em letras quase descomunais: "SUICIDA-SE CRISTIANO DO NASCIMENTO".

Fortaleza, 24 de agosto de 1976.

A LENTA METAMORFOSE DE MENITA BONINA

Menita Bonina habita as coxias, não tem razão nem memória, é nudista por isso e por falta de roupas, come lixo como os mendigos, não ri e não chora, a não ser sem motivo aparente. É pretexto à chacota das multidões sem palhaço e sem arena, motivo de reportagens escandalosas, de admiração dos cães quase sempre vadios e perdidos.

×

— Quantos anos você tem, Menita?

— Acho que tenho dois anos. Vou já dormir e tomar banho. Mamãe está me chamando.

×

— Você veio de onde? Nasceu aqui?

— A cegonha me trouxe do céu.

— E você vive nesta vida desde quando?

— É a primeira vez que converso assim. Eu gostava muito de machos e de beber. Agora comecei a conversar.

×

Menita não vivia só. Era companheira habitual de muitas doenças, de todas as bebidas, desde a cicuta, que quase a matou, dos cigarros, sobretudo dos entorpecentes, das fomes longas e torturantes, das noites agitadas. Menita só se sentia só quando estava dormindo. Mesmo assim, sua mente era fecunda criadora ou recriadora de fantasmas de todas as estirpes, que tinham nome de pai, de mãe, de sedutor, de cães, de lobisomens, de cegonhas, de satanases, de deuses, de sereias.

×

Bonina era um botão ainda quando começou a freqüentar os bordéis, onde se entregava, para sobreviver, aos machos de todas as categorias: jovens e velhos, brancos e pretos, magros e gordos, solteiros e casados, delicados e brutamontes, sádicos e psicopatas, ébrios e sóbrios, perfumados e fedorentos, ricos e pobres, infelizes e libertinos... Nos bordéis construiu sua existência, seus sonhos esfarrapados, suas quimeras im-

possíveis, seus dias amargos, sobre seu passado tão confuso na sua mente de criança e robô.

— Fora imediatamente, cadela, puta, sem-vergonha. Antes que eu te mate. Rua! Rua!

— Mas, pai, me perdoe.

— Meu anjinho, minha rosa, minha menina bonita, Menita Bonina, eu te amo muito. Vem, entrega-te a mim de todo o corpo. Serei teu primeiro e único homem.

O pai de Menita era um filósofo. Desses que todos nós admiramos e amamos. Para ele o ser humano do sexo masculino é um animal perverso que subjuga a mulher. E dizia para sua filha: "cuidado, muito cuidado, com os homens, minha filhinha. Não se aproxime deles. São uns falcões. Fique em casa comigo que você estará livre deles." Bonina tinha vontade de perguntar se ele não era homem, se todo homem não tem uma mulher e vice-versa. Mas desistia. Tinha medo de perguntar. Aprendeu a ouvir apenas, a não falar, a não perguntar nunca.

— Minha filha, não faça isso, vá se sentar, vá brincar. Não precisa trabalhar. Menina não precisa trabalhar. Trabalho é para homem.

Quando o professor perguntou ao pai de Menita se a menina não iria estudar, ele respondeu: "Não." Depois explicou: "Mulher não precisa estudar. Mulher é para viver em casa. Depois casa."

Menita não tomava banho só, não se vestia só, não dormia só. Não fazia nada só. Até à puberdade. Tudo o que fizesse seria com a ajuda ou assistência do pai ou da mãe. Até aos doze anos de idade era contínuo ouvir-se frases como essa de sua boca: "Não, tá na hora de me banhar?", ou como essa: "Pai, vem me vestir."

— Mãe, como nasci?

— Foi a cegonha que trouxe você.

— Minha filha, ande sempre vestida. Nunca fique nua. O diabo pega menina que anda nua. A gente só fica nu quando está tomando banho. E a gente só toma banho escondido dos outros. Mas enquanto você for pequena, nós podemos ver você nua. Mas só nós.

O berço que acolheu Bonina depois de saída do ventre era de um requinte principesco. Feito com exclusividade para o filho de seus pais. O carpinteiro que o confeccionou nunca mais trabalhou. Com o dinheiro da venda montou a maior fábrica de móveis de sua cidade, empregando centenas de operários.

— Qual o nome do nosso filho, querido?

— Menino Bonito.

— E se for mulher?, que Deus nos livre!!!

— Não há de ser. Se for, será o maior castigo que posso receber. Prefiro que nasça morta.

— Não será pecado isso?

— Pecado é gerar uma mulher, mulher. De mim só há de sair filho macho.

O BESTIAL CARLOS BAYMA

"Por que muitos que som leterados nom sabem
trelladar bem de latim em linguagem, pensei
escrever estes avisamentos pera ello
necessarios.
Primeiro, conhecer bem a sentença do que
ha de tornar e poê-la enteiramente, nom
mudando, acrescentando, nem minguando algũa
cousa do que está scripto."

Dom Duarte, Leal Conselheiro

"Se também um homem
se ajuntar com animal,
será morto; e matarás
o animal."

Moisés, Levítico 20.15

Para Umberto, o motor da tragédia de Carlos Bayma foi o livro "A Vida Sexual dos Cães", escrito por Alphonse Bragadin, demonólogo francês, tão famoso quanto Jean Bodin, Papus e Joahannes Heidelberg. Sustentava, porém, que a obra, no original, se intitulava "La vie sexuel des diables" e fora pessimamente traduzida pelo prestigiado tradutor brasileiro Afonso Braga. Mas apesar dos grosseiros erros de tradução, dizia, era fácil concluir que o cão do livro era o demônio, a começar pela frase: "A genitália do cão mede, quando erecta, 66 centímetros, em média." Ora, deduzia, é sabido que o pênis de um cachorro, por mais gigantesco que seja este, com exceção dos mitológicos, não chega a tanto. Por outro lado, ensinava, existe aí uma estranha coincidência numérica, pois 66 é o número total de letras do triângulo cabalístico.

Quando Dionísio relacionou os 18 títulos encontrados na estante da casa de Carlos, Umberto gargalhou e afirmou que o citado número representa, no jogo do bicho, o porco, sendo sabido que a feiticeira Circe transformou em porcos os companheiros de Ulisses, o que demonstra a preocupação do possuidor dos livros com a feitiçaria.

Um destes 18 livros intitulava-se "Enciclopédia do Cão", de autoria do demonólogo Zedéquias, homônimo do célebre cabalista que aterrorizou o reino de Pepino, o Breve, ao fazer aparecerem em público alguns regimentos de Silfos.

Não era por acaso que Carlos Bayma também tivesse em casa o "Iracema" — a protagonista da lenda de Alencar era uma feiticeira tupi, uma espécie de Medéia brasílica.

Outro livro que explicava o demonismo de Carlos era o grosso volume "Os Dálmatas e a Música", valioso estudo sobre a utilização da música pelos povos primitivos da Dalmácia. Não seria um simples criador de vira-latas, chasqueava, que iria ler um livro desses. A música tem um caráter encantató-

rio e hipnotizador, daí porque o Diabo tem-lhe verdadeiro horror.

Às vezes parecia que Umberto estava esquecendo o livro sobre a vida sexual dos cães. No entanto, nada disso ocorria. Assim, quando a discussão recaiu sobre os sete cachorros de Carlos, perguntou se os mesmos eram chamados Baleia, Tubarão, Piaba e outros nomes comuns entre a população nordestina. Não, chamavam-se Astarote, Samael, Leonarda, Asmodeu, Belial, Lusbela e Berita, todos nomes de demônios, embora três deles feminizados. Tais nomes foram dados após a aquisição do livro e não é provável, dizia, que um manual de sexologia canina divulgue nomes de demônios. Além do mais, para que maior clareza do que a do trecho: "O diabo Albert Artisson, que aparecia transfigurado ora em homem, ora em gato, ora em cão, mantinha relações sexuais com Alice Kyteler."? E grifava as palavras diabo e cão, dizendo que o tradutor só não confundia demônio com cachorro, a ambos chamando de cão, quando os dois apareciam na mesma frase, como no exemplo dado.

Dionísio, para contestar o rival, servia-se também do livro, citando trechos e mais trechos, como este: "Aubry Nicole, uma menina de 16 anos, quando visitava a tumba de seu pai, foi estuprada por um cão." E perguntava, indignado, como, o demônio, que é espírito, segundo dizem, pode estuprar uma mulher, se o estupro é um ato puramente carnal. Umberto ria e chamava Dionísio de maquiavélico. Explicava que os demônios são realmente espíritos mas que, para travar relações com os animais, têm que se apresentar sob formas animais. Que meditasse sobre esta frase: "O cão que representa a desordem, a pederastia e o vício chama-se Belial e apresenta-se sob forma de um formosíssimo mancebo." Não apenas adquiriam formas semelhantes às dos seres de carne e osso mas até superiores: formosíssimos mancebos e não feíssimos velhotes.

Além do mais, antes de terem tais nomes, os vira-latas eram chamados Faraó, Jubileu, Gaza, Onã, Zorosbabel, Salma e Zera, todos nomes bíblicos, o que evidenciava ter sido Carlos Bayma um homem versado em altos estudos.

Dionísio, por sua vez, dizia que o livro, no original, intitulava-se "La vie sexuel des chiens", tendo sido o autor, inclusive, Presidente do Kennel Club de Paris. Tratasse a obra de diabos, para que a frase: "Os malefícios são vários, destacando-se o da prática do coito com cães, segundo Jean Bodin."?

Que malefícios eram estes, perguntava Umberto. Logicamente que os malefícios causados ao homem pelo sexo, respondia Dionísio. O outro, porém, explicava que malefício é um ato produzido por voz mágica, não cogitando o autor de simples doença, uma vez que fora um estudioso da magia, além de jurisconsulto. E provava, mostrando seu livro "Demonomania dos Feiticeiros". Não pensasse, no entanto, que quisesse dizer que o vocábulo cães da frase tivesse sido mal traduzido. Pelo contrário: fora uma das raras vezes em que Afonso Braga acertara.

Dionísio contava a seu favor o fato de Carlos, homem do sertão cearense, pela origem, embora tendo vivido no Rio de Janeiro, onde a cultura se transforma constantemente, mal conhecedor de assuntos metafísicos, católico romano apenas por tradição, ter fundado sua cultura literária basicamente em manuais caninos (sic), citando-se entre eles a "Enciclopédia do cão", de autoria de um ~~geólogo~~ zoólogo de nome nada semelhante a Zedéquias — José da Guia —, e "O cão em nossa casa". Dizia mais que, dos 18 livros encontrados na casa do velho, apenas não se referiam a cães uma Bíblia, o livro mais lido no mundo, inclusive pelos não cristãos, um Iracema, leitura obrigatória de todo cearense e, por que não dizer, de todo brasileiro, um ~~N6n~~ Livre de Français, que pertencera a seu filho Luis, o qual estudara até a 3a. série ginasial, livro que o motivara a adquirir a "Histoire des Chiens", de Rivoil, que pretendia traduir, valendo-se do pequeno vocabulário françês-português constante de suas páginas finais. O último livro não identificado com o assunto canino era o curioso "Os Dálmatas e a Música", para cuja aquisição havia uma explicação: Carlos Bayma sabia da existência da raça de cachorros dálmatas e imaginara tratar o livro, provavelmente, da utilização da música na educação dos dálmatas cães, uma vez que, como o próprio Umberto dizia, até os animais brutos são

sensíveis à música. De certo, Carlos tencionava um dia criar cães dálmatas.

Valia-se ainda Dionísio, para provar que Carlos nada tinha com a feitiçaria ou a demonologia, não passando de um lascivo criador de cachorros, do fato de ele domesticar sete exemplares de tal espécie. Ninguém duvide, dizia, de que tanto há mulheres que criam cães para com eles praticar atos libidinosos, como há cães que perseguem mulheres. O próprio livro trata deste tema: "Acusada de manter relações sexuais com um dos vários cães que costumam abusar das mulheres durante o sono, Françoise Bos foi queimada viva no dia 30 de julho de 1607." Porém, mais uma vez voltava Umberto a vituperar a tradução, dizendo que Dionísio se deixara enganar por ela, pois é fato notório que só um demônio pode manter relação sexual com uma mulher sem que ela acorde e tais fatos eram corriqueiros na Idade Média.

Havia ainda um grupo formado por Tarcísio, Quincas, Cincinato e Seixas que tinha o livro como mero adereço de toda a história, embora não lhe negassem a existência. Para eles, o tal objeto era peça secundária e até desnecessária para a explicação do fenômeno Carlos Bayma. Devia-se, isto sim, buscar nos cachorros, ou como quisessem chamar aos animais de estimação do velho, a causa motriz do triste acontecimento. Sem eles, explicavam os quatro, o personagem ainda seria um insignificante velho aposentado à espera da morte sem estardalhaço. Diziam ser fútil e vã a polêmica que travavam Umberto e Dionísio. Nada significava ser o livro cabalístico ou canino. Fosse o que fosse, não passava de um inútil alfarrábio carcomido pela traça que servia de deleite a um anônimo criador de cães. Até aí estavam os quatro de pleno acordo. Quando passaram à explicação da tese que defendiam pareceram inimigos entre si. É que Tarcísio via nos cachorros indefesas vítimas da bestialidade de Carlos. Para ele, o velho fazia de seus sete cães, quer machos, quer fêmeas, objetos de sua tara. Qualificava o personagem de estuprador de cães. Com esta última afirmativa não concordava seu parceiro Quincas, que via no velho apenas um sedutor de cães. Na verdade, explicava este, Carlos enganava os animais com falsas promessas de boa comida e ainda se aproveitava de sua condição de

ser superior. E mais: abusava da confiança que os sete quadrúpedes nele depositavam para ludibriá-los.

De quase tudo isso discordavam Cincinato e Seixas. O velho era um tarado, um bestial, um homossexual, um monstro. Mas não era um estuprador. Dizia Cincinato que Carlos Bayma era, pelo contrário, uma espécie de vítima da fúria sexual dos cães, que dele se aproveitavam, transformando-o em cachorro. Mísera cadela de rua, diziam. Neste caso, as fêmeas agiam como simples espectadoras. Criminosas eram também porque nada faziam para impedir o crime. Bem que poderiam seduzir os de sua espécie, evitando, assim, o aviltamento da humana e da canina.

Seixas arrepiava-se em face de tão horríveis especulações. Não acreditava em bestialidade desse quilate. Acreditava, sim, no amor, que pode ser uma espécie do gênero bestialidade. Carlos Bayma amava desesperadamente os sete cães, assim como estes o amavam acima de tudo. Mas tal amor não ia além da alma. Era platonismo puro. O homem e os cachorros jamais se aviltaram pela carne. Contentavam-se com olhares lânguidos, com suspiros românticos, com frases francesas.

Aproveitando-se das idéias de Seixas, alguém de nome Setembrino ousava dizer que tal amor não era tão platônico assim. Acreditava que o velho bestial se despia e punha-se a desfilar diante dos olhares concupiscentes dos cães, que gemiam e se babavam. Já Oto recriava a cena de outra maneira: o velho não se despia e nem desfilava. Pelo contrário, era muito respeitador. Até demais. Pois sequer mijava diante dos animais. Desde criança aprendera a virtude do pudor, que chegava a ser excessivo. Assim, fechava os olhos quando se despia para o banho ou quando abria a braquilha para urinar. Acreditava, porém, que nenhum pecado havia no despudor dos outros. Os cães que trepavam no meio das ruas, os casais que se beijavam em público, nada o envergonhava. Seu crime, no caso presente, era permanecer horas a fio olhando os sete cães praticando toda a sorte de sacanagens, numa perfeita sodomia canina. Bem que poderia evitar que os bichos se masturbassem, que praticassem atos de pederastia, que se ferissem nas práticas sádicas, etc. Era, assim, mero espectador.

Nonato não se misturava aos demais nas discussões. Para ele bastava culpar a tudo e a todos da tragédia que feriu os brios de toda a nação. Assim, eram culpados os que aposentaram o velho funcionário, pois se ainda permanecesse na repartição, mesmo cochilando, jamais teria procurado refúgio em casa e, por conseguinte, nos cachorros e no famigerado livro. Culpado também era o próprio Carlos Bayma, que requereu a aposentadoria, aceitou criar a cadela Clara, que viria a ser mãe dos sete cães bestiais, e adquiriu o livro pernicioso. O sexo era outro culpado, pois sem ele Carlos não teria conspurcado a natureza, ferindo a dignidade das espécies humana e canina, ao misturar seu sangue pensante ao sangue dos sem razão. Bestial! clamava aos quatro ventos.

O EX-COMPANHEIRO DE DARMO E DAPHU

Pensei que fugia apenas da cidade, como um aventureiro. Mas estou seguro agora de que fugi de tudo. Inclusive de mim mesmo. Idiota que fui! Quem, tendo asas, pode fugir apenas da cidade? Agora, encontro uma explicação razoável: se me metamorfoseei tão rapidamente, como poderia eu — pobre civilizado — compreender esta mesma metamorfose? Porque, em mudando, não mudei eu apenas. Mudou tudo. Mudaram as pessoas. Mudou a própria natureza. Ouçam: não lembro exatamente o momento em que adquiri asas. E mais: não sei se levantei vôo logo após o ter trocado os braços pelas asas. Só me lembro de quando já sobrevoava as árvores e a estrada estreita que corta a floresta. Um vôo rasante e lento, como se não soubesse que não existem caminhos no céu. Em dado momento, talvez cansado, pois quem não há de cansar no primeiro vôo?, olhei para o chão, atraído pelas figuras minúsculas e já estranhas de Darmo e Daphu o ócio de um repouso, e decidi voltar à terra. Os dois estavam sentados numa pedra à margem do caminho, conversando como bons conspiradores. Parei no ar e, como um helicóptero, desci quase sobre eles, que não me viram, pois não se assustaram, como seria lógico, porque jamais viram um homem voar. Inquieto com a sua desatenção, fiz-lhes perguntas bobas, como: "vocês me viram voando?" Nada me responderam, como se me não ouvissem. Irritado, propus-me espantá-los com o bater de minhas asas. Acreditei, porém, ainda ser possível comunicarmo-nos. Com um galho seco, desenhei no chão um triângulo, símbolo de nossa presença, diante de seus olhos, pois os tinham pregados numa formiga que, misteriosamente, conduzia às costas uma pedrinha muitas vezes maior do que ela, enquanto ouvia-lhes a conversa. Compreendi então que estavam por de-

mais atentos ao que diziam e que me não ouviam. Já que aquele gesto não fora capaz de acordá-los, talvez um insulto verbal o fosse. "Vocês estão perdendo tempo", gritei-lhes. Mais uma vez não fui ouvido. Enfureci-me. Só então (como tardo em tirar conclusões, por mais óbvias que sejam), concluí que não me tinham presente. Ou seriam eles os ausentes, os alienados? Ainda as dúvidas. Pior: que não me tinham como existente sequer. Ou seriam eles os inexistentes, os mortos? Outra dúvida. Ou para eles eu, por poder voar, não poderia existir? Por acaso não havíamos lido há muito tempo a lenda de Ícaro e nela acreditado como antigas criaturas? Teriam mudado tanto assim? Só eu teria permanecido criança e crente de lendas e mitos?

Daqui desta lonjura, compreendo que naquele dia — apavorado diante de tudo — resolvi voar para mais longe da cidade, para o interior da selva, para longe de todos, inclusive de meus ex-companheiros de idéias políticas, e, voando, integrar-me aos vegetais e aos animais. E virar mito também.

Brasília, 16 de julho de 1977.

SURURUS NO LUPANAR

(Uma tragédia wildeana)

Cena 1

Mada Madaleva senta-se à mesa e, na sua líquida solidão, pede coca-cola e se faz a maginar, tristonha como quem sonha, respirando os perfumes em que seu todo corpo se encharcara, colorida como uma imensa borboleta sem asas, circunvagando num mundo de esperas inúteis, avaliando a infância perdida, a família extinta, o antigo palco em que vivera heroínas de amores trágicos. E assim se faz numa pose, a mais artificial das que vira nas fitas já não mudas, para que os homens gostem tanto dela que sejam capazes de até cometer desatinos e crimes terrivelmente passionais.

Cena 2

A mesma incrível Madaleva detrás da mesma mesa, a beber a mesma coca-cola, posa lânguida para o doce Miguel Ângelo. Os pincéis lambuzam a tela, as tintas salpicam o chão infecto, a mão felina reproduz a saia curta godê, os seios ainda belos, os lábios carnudos de quem muito beijou, a fronte cismadora, a cachoeira negra dos cabelos ondulados. Pois ao prostíbulo fora não para amar e sequer para pecar, que disso não era, posto que apenas fosse o artista em sua dourada idade.

Cena 3

Passos no tablado do já velho casarão. Súbito, aquilino pé desfere estúpido pontapé que escancara a porta, debilitando no nascedouro o forçado sorriso nos lábios de Madaleva e

tingindo violaceamente o chão descolorido. É Teófilo que, assolado por incontrolável ciúme ou por masculina inveja, faz chover enxofre e fogo sobre o corpo do jovem pintor, de que ascende sulfuroso odor por todo o vasto ambiente e compacta fumaça, como a fumarada de uma fornalha.

Cena 4

O modelo, num exemplo de raquítica sensibilidade, conversa animadamente com o terrível alquimista, esquecido da tela, do pintor e do crime. Repetem-se os primeiros momentos da cena anterior: passos no tablado do já velho casarão. Súbito, aquilino pé desfere estúpido pontapé que escancara a porta, debilitando no nascedouro o sorriso nos lábios de Madaleva. Assoma no prostíbulo corpanzil tatuado de sereias, marroquinas e peixes alados, nervoso, irado, revólver em punho. Vasculha toda a casa, urrando.

Madaleva — (Sussurrando) Meu irmão!
Teófilo — (Perplexo) Que quer ele?
Madaleva — Procura o homem que me roubou a virgindade.

Cena 5

Então o tatuado se aproxima de sua irmã e cospe-lhe no rosto e lhe dá murros e põe-se a dizer-lhe: "Fala a verdade".

Cena 6

Enquanto isto se faz e enquanto isto diz, traiçoeiro punhal reluzente penetra-lhe as costas largas, fazendo jorrar vermelhos rios das escamas das sereias, dos seios das marroquinas e das barbatanas dos peixes.

Cena 7

Madaleva — Por que assassinaste meu irmão?
Narciso — Agi em legítima defesa.
Dito isto, abraçam-se, abraçam-se, beijam-se avidamente, como dois adolescentes.

Cena 8

A porta da casa de tolerância abre-se languidamente e uma figura de alta linhagem desfaz o idílio, para fazer filosofia:

— "É no cérebro, somente no cérebro, que se cometem os grandes pecados do mundo."

Apagam-se as luzes.

AS CONTAS DE SETIDON

De início, pensamos — creio eu — que Setidon estivesse apenas rindo, como costumava fazer constantemente, como certos doidos. Jamais nos ocorreu a idéia de que fosse jogar dentro de nossa sala aquele objeto, aquelas contas malditas. Mas ele jogou e riu mais ainda. O terço (pensamos que fosse um terço) deslizou mansamente no assoalho liso e quase parou ao pé da mesa. ~~Tivemos~~. Tivemos então a clara impressão de que ia ficar enganchada no pé da mesa. Mas não parou, continuou se movendo, como se estivesse andando, lentamente. Pensei novamente que fosse um terço mas desisti porque não vi a cruz. Pensei num terço não porque tenha esse hábito de pensar em terços mas porque o pai de Setidon, sendo beato e carola, passava o dia inteiro debulhando umas contas presas por um fio — as ave-marias, — separadas a cada grupo de dez por outra de cor diferente — padre-nosso —, formando um círculo, e mais outras cinco ou sete continhas — mais ave-marias, mais padre-nossos, mais orações e um crucifixo. Talvez Setidon quisesse fazer raiva ao velho, destruindo um de seus terços. Talvez o velho tivesse muitos, inclusive rosários, que não vou perder tempo em explicar o que seja. Se todo dia fizesse aquela brincadeira, certamente muito cedo deixaria o beato sem o objeto de suas rezas. Talvez quisesse nos assustar simplesmente. Pensei tudo isso em poucos segundos. Na verdade, que posso eu saber dos desejos e dos pensamentos dos outros? Falei isso tudo até agora mas posso até estar enganado, pois as contas (?) que Setidon lançou na sala começaram a se mover ou, como já disse, continuaram a se mover. Depois vimos que não era um simples terço, pois faltava o crucifixo. Isso deve ser essencial num terço. E não era só isso: estava se arrastando pelo chão da sala como um

réptil. Assustamo-nos, naturalmente, e Setidon começou a gargalhar. Será que ele sabia o que estava fazendo? Será que ele sabia o que era aquilo? As contas começaram a nos perseguir, como que querendo trepar em nós. Corremos, apavorados. Deixamos de crer que fosse um terço. Parecia uma enorme aranha, feita de partículas redondas e iguais — contas negras de terço. Gritamos, pedindo socorro e perguntando: que é isto, que é isto, Setidon? Posesa lembrou-se da vassoura. Correu à cozinha e trouxe a vassoura. Sem medo, desfechou uma tremenda vassourada nas contas ou no animal. Repetiu com ódio. Elas se separaram, se espalharam. Morreram, pensei. Desmanchara-se o todo. Individualmente não tinham vida, não se mexiam sequer, notei. Atrevi-me a pegar uma. Examinei-a com cuidado. Cheirei-a, mordi-a, toquei-a, vi-a, tentei escutá-la. Nada de vida. Nada de carne, de osso, de sangue, de matéria orgânica. Era conta de terço, decididamente. Setidon, vendo as partículas espalhadas por toda a sala, chorando de rir, gritou, desesperado: vocês mataram, vocês mataram. Exasperei-me: mataram o quê? São contas de terço, não têm vida. Veja, nem sequer ficaram esmagadas. Posesa começou a varrê-las para fora. Mas ao varrê-las, juntou-as novamente. Juntas, elas fugiram ao controle de Posesa e da vassoura. Deslizaram rapidamente, como uma aranha. Mate-a, gritei, saltando, medroso, a uma cadeira. Setidon voltou a gargalhar. Que tipo malfazejo, pensei. Deixe de gracejos, idiota, gritou Posesa, enfurecida com as gargalhadas de Setidon. E deu nova vassourada nas contas, que se espalharam pela casa toda. Leve isso daqui, ordenei a Setidon, que continuava gargalhando em cima do muro.

NOS BECOS DA FANTASIA

Ele pensava a solidão que há tempos trazia costurada nos bolsos estufados de lembranças, embalando-se na rede que rangia nos caibros pintados, e viu-se caminhando por ruas bonitas à cata de amores mais duradouros que os antigos. E assim foi que não mais só se sentiu e o cansaço que sentia ou simplesmente dissera em suor se escondeu nos panos da rede e de um salto espichou no pescoço a toalha e com lápis, gilete e sabão assustou sua mãe.

Do quarto saiu para a noite, com tal pressa e tal ânsia, que mais parecia em viagem longínqua. Os olhos abertos, farejava um cheiro de alfazema no ar e um tremular de saias ao vento. Mas como nas casas só se ouvissem os galãs, nas calçadas apenas os cães passeavam, ainda calados, que a noite era de pouco nascida. E talvez só por isso ou porque ainda cansado estivesse, aceitou o convite de um bar que cantava e, mal a cerveja pediu, avisou que a sede que tanto o engordara de certo secaria antes que o tempo espantasse para os passos da noite as prisioneiras das casas, como se ali não houvesse quem amar não soubesse e fosse preciso de longe chegar um riso no canto da boca entornando-se em gargalhada espantosa. E contando as façanhas que fizera ou sonhara, bebia, sorria e buscava quem nunca seus feitos ouvira ou vira. E de tanto buscar quem os heróis intocáveis trocasse por sua algazarra, acabou vendo uma saia envolver um sorriso moreno nas dobras da esquina.

E como há de vir a noite em que o céu esteja nublado, os cães se aborreçam e no infinito estale o chicote de um deus furioso, depois de passados cem noites em desejos iguais aos que outros mortais mordendo os lençóis arrepiam e retorcem, ela já não se escondendo dos encantos da noite, nem ele

buscando beber solidão nos bares da vida, os dois se perderam nas malhas do amor, entre sussurros gemidos e suores vertidos, como se de nada valesse todo o tempo aprendido de que só com véu e grinalda, champanha e bênção é permitido pisar na grama da carne.

E muitos sóis e muitas luas tingiram-lhes as cabeças e encheram-nas de futuro, ela já esquecida dos velhos quintais e dos conselhos inúteis, das utopias fantásticas e do quarto de filha, do que foi construído como por ofício eterno, e ele já mais abusado do de sempre fazer e menos querendo de encantado no palco estar.

Mas ontem, em meio à folia de reis e rainhas, de bichos e anjos, de índios e negros, caindo e bebendo, suando e pulando, gritando e cantando, ele foi descobrir antigas paixões e, como que possuído de visões escabrosas, simplesmente gritou para que todos ouvissem não mais carecer de tão dócil costela. E, deixando-a em prantos, abraçado a fogosas donzelas, partiu para a selva da fantasia, gargalhando e cantando como um fauno antigo. E ela olhou para os cães, que ganiram de espanto, e, mais só do que quando sonhava, a fantasia da alma pingando no escuro, perdeu-se nos becos que um dia aprendera a pisar.

Brasília, outubro de 1977.

ESFINGE

Naquela tarde saímos a passeio, nós duas e papai. Divertimo-nos muito mas não o suficiente para saciarmos nossa fome de brincar. Papai era extremamente carinhoso conosco, apesar de, em certos momentos, como quando estava a conversar com outros adultos, nos tratar até com aspereza, como se fosse outro. No entanto, nos seus momentos de folga ou nos seus dias de férias, parecia uma mãe: passeávamos, brincávamos e ele virava criança, mesmo sem deixar de lado o cachimbo. Quando viajava, ficávamos tristes, porque mamãe não gostava de brincar conosco: ou ficava dormindo, ou conversando com seus amigos e suas amigas, ou saía a passear sozinha. Mas logo nos acostumávamos à ausência dele, que era muito freqüente. Viajava de uma hora para outra, não sabíamos para onde, e se demorava muito, quase sempre. Quando voltava, não o deixávamos em paz.

Ao regressarmos, encontramos mamãe a conversar na sala com Roberta Carero e Poncatajé Bravo. Já conhecíamos Roberta, então freqüentadora quase que diária de nossa casa. Deslumbrava-nos seu sempre aspecto juvenil, rindo e falando animadamente. Sua presença era marcante, onde quer que estivesse, chegando, às vezes, a falar tão alto, tal a sua exaltação, que parecia brigar. Era seu jeito natural, o que lhe valeu ser chamada de irreverente, de tagarela, de bagunceira, ao contrário de sua literatura, que jamais causou grandes impactos. Dizem, não conheço, ser absurda, exótica e difícil, razão por que, apesar de no exterior, continua a ser criticada aqui com veemência, mesmo sendo pouco lida. Na verdade, não fosse a preocupação da crítica, sua fama não existiria. É sabido que seus seis livros não tiveram grande tiragem.

A Bravo conhecemos naquela tarde e, talvez por seu bigode e seus óculos, aparentou-nos mais austeridade que papai quando conversava com seus amigos. Foi apenas isso o que nele vimos. Não nos interessava se o que dizia, assim como o que nos dias que se seguiram, quando tornamos a vê-lo e ouvi-lo, não supomos ser ele um homem político. E creio que nem mesmo papai e mamãe fizeram tal juízo. Como poderíamos imaginar tudo o que viria depois? Sua prisão, pouco depois, seus livros e hoje seu estado de saúde. Talvez esteja também canceroso, dizem alguns. Papai foi apresentado por mamãe a Bravo. Trocaram trivialidades, papai reclamou o ter mamãe servido coca-cola e ofereceu-lhes uísque. Falavam de literatura. Duma revista dirigida pelos visitantes e na qual havia sido publicado um conto de mamãe. Em alguns números subseqüentes ela também colaborou, mesmo sem tanto entusiasmo, que foi, com o passar do tempo, arrefecendo, não por ter realizado o seu sonho mas, talvez, por outro motivo. Talvez fosse já o câncer que a mataria ainda tão jovem, quatro anos após a morte de papai. Estava então velha e feia, apesar de seus 36 anos de vida. Como conseguira aquela transformação em apenas dez anos? Onde se esconderam aquela beleza e aquela juventude? Também, não era para menos! Fumava em demasia. Lembro que escrevia a qualquer hora. E só escrevia fumando. Pedia papel e caneta e fumava um cigarro atrás de outro. No final, muitas vezes, nada havia escrito. Víamos tudo isso e sentíamos que alguma coisa horrível estava para acontecer. Sofríamos mas de nada sabíamos. Sentimos, por isso, muito mais a sua morte que a de papai.

Falaram também de livros de autores famosos, de suas vidas, de seus sucessos, e durante todo o tempo pareceram interessados nisso apenas mamãe e Roberta. Ocorreu-me, então, a idéia de que aquilo era assunto exclusivo de mulheres. Pensei até em ser escritora, como mamãe. Como Roberta. Bravo e papai se contentavam com balançar a cabeça, rir, beber e fumar.

Depois, a conversa foi tomando outro rumo. Quando cuidei, estavam a falar de política. Papai então se exaltou e começou a falar muito. De vez em quando se levantava e gesti-

culava. Mamãe olhava para cima (ele era alto e forte) e pedia para ele se acalmar e se sentar. Ele se acalmava, se sentava, tomava um gole e reacendia o cachimbo. Papai fumava muito também. Tinha vários cachimbos, de várias cores. Quando um esquentava, pedia outro a mim ou a Gizé. E assim ia soltando baforadas, fechando os olhos e ficando calado. Depois retirava o cachimbo do canto da boca, derramava as cinzas e voltava a falar. Não sei bem o que dizia. Ouvi, várias vezes, as palavras crise, guerra e revolução.

Aquela conversa me impressionou muito e ainda lembro os gestos deles, as feições que a cada instante tomavam seus rostos, os olhares de pavor, de admiração, de espanto, sobretudo de Roberta, que parecia mais interessada nas palavras de papai. Bravo, ao contrário, não demonstrava interesse em olhar para papai e, de vez em quando, se voltava para mamãe, que estava a seu lado, e procurava falar de literatura. "Como está seu romance?", perguntou várias vezes. "Vou publicá-lo no início do ano que vem", respondia ela. Realmente, o romance de mamãe, o primeiro, foi publicado alguns meses depois daquele dia. Antes disso, teve alguns contos e capítulos de romances nunca concluídos publicados em revistas e jornais. Creio até que tudo o que escreveu foi nessa época, pois nos últimos dez anos de vida quase nada escrevia.

Enquanto mamãe e Bravo falavam de literatura, papai e Roberta digladiavam sobre política e trocavam informações, quando abaixavam as vozes. E era nessas ocasiões que mamãe interferia. Contradizia papai sobre este ou aquele fato. E então ele se aborrecia e mandava mamãe deixar de dar palpite sobre o que não entendia. "Você entende muito de literatura, querida, mas de política, nada." Só mais tarde, quando papai morreu ou desapareceu de vez ou viajou para não mais voltar, foi que vim a pensar nessas suas advertências. Mesmo assim, tudo para mim são enigmas.

A conversa se estendeu até tarde, pois lembro que estávamos com muito sono quando Bravo e Roberta se despediram. Não tivemos condições de ter raiva e de reclamar.

Janeiro de 1977.

A TRAGESTÓRIA DE GETÚLIO

O bigodão do gordo se mexeu, quando pedi, em voz quase alta, a primeira bebida. Ao beber, vi que ele estava desconfiando de mim, pois seus olhos pareceram duas lâminas que me cortavam os lábios. Não dei ouvidos ao que ele queria dizer. Engoli e imaginei que minhas vísceras eram frágeis vertentes por onde desaguavam metais derretidos. Não quis cuspir ao pé do balcão e corri para a porta. Cuspi sobre o lombo do cachorro que lambia o traseiro de outro. Tentei acender, apressado, um cigarro mas uma baforada de ar frio penetrou as minhas narinas, minha garganta e meus olhos. Voltei e pedi outra, outra, outra. Quantas?

— Acertei.

Ai! Estou caindo e não quero cair. Ai, ai, ai. Tenho que me agarrar a esta parede lisa azul. O chão me arrasta, como correnteza. Tudo está caindo. Essa luz amarela parece o sol do meio-dia e dói como faca nos olhos.

— Matei o safado.

Uma mesa? Um baú? Que cauda é essa crescendo e brilhando como um animal estranho? Os livros estão dançando. A tela sem imagem. Que faz aquela criança de orelhas enormes? Esses sofás de tantas cores que doem nos olhos devem ser macios demais para o sono de quem está muito cansado.

— Meu Deus! Que fizeste, Rodolfo?

A mulher está gritando, parece que viu o diabo, está tremendo e chorando. Agarrou-se às costas daquele gordo corado alto que fala, gesticula e aponta o cano para a minha boca.

— Acho que está morto.

Eles me pegaram, me bateram por muito tempo e me quebraram os dentes. Nunca fui a dentista, os dentes apodreceram cedo e foram caindo aos poucos, como o avião que caiu na lagoa. Morreram todos e o povo fez festa. Mas eu não votei porque não pude. Não tinha documentos. Tirei a carteira de trabalho e fui procurar emprego. Arranjei mas nem precisava de carteira.

— Está vivo ainda.

Os caras pensavam que eu estava morto. Eu tinha bebido muito e dormi na porta do bar. Quando acordei, estava só de cuecas. Uns caras dançavam, abraçados e sem camisa. Entrei na folia. Viva o Flamengo! Roubei uma camisa de listras pretas e vermelhas e fui embora.

— Estou com vontade de acabar de matar esse bicho.

O galo sangrava e não via o sangue que ensopava as suas penas. Tive pena e estava com muita fome. Então decepei o seu pescoço ensangüentado com uma faca também cega. Arranjei farinha com Seu João e assei o bicho.

— Chame a polícia, enquanto eu vigio.

Quando chegou, já era tarde. O criminoso já havia fugido e o pobre do Bira estava mortinho da silva. Aí foi que bebemos mais. Até à hora do enterro.

— Chame logo.

Não chamei. Ela não era minha mãe. Levei outra surra e fiquei todo ferido. O corpo todo doído, como se tivesse sido pisado por um elefante. Ah! se eu fosse Tarzan! Eu saía pulando de galho em galho, como os macacos. Como a Chita. Tão inteligente! Será que já morreu?

— Ele já morreu?

Não sei. Fugi de casa no outro dia. Nunca mais ouvi falar dele. Deve ter morrido bêbado. Ou deve ainda estar lá no barraco com aquela égua e os meninos. Coitada de Lucinha! Naquele cabaré, bebendo, apanhando, passando fome. Dá até vontade de chorar ou de morrer.

— Ouviu a sirena?

Madalena, se fosse mulher. Mas como é homem é Getúlio. Que nome mais feio! O nome de um homem como esse não pode nunca ser feio. Estou prestando uma homenagem.

— Abra a porta pra eles entrarem.

O sol está entrando em meus olhos. Fechem a porta, não deixem essa bola de fogo invadir a casa.

— Ainda bem.

O mundo é muito quente e muito ruim. Como seria bom estar bem guardado em mamãe!

— Onde está o ladrão?

É um menino. Deus te dê muita felicidade.

A mãe está morrendo, Doutor. Depressa, depressa.

— Parece que já morreu, Seu Delegado.

18/11/76.

A VOLTA DE OTRAFNI

"Eis que venho sem demora."
Ap. 22.7.

Mitologia

Um gordo e corado carro parou no claro da esquina e dele saltou um murmúrio suave de sereia, que penetrou as serenas ouças da bela menina. Sai dos escolhos destes velhos becos e vem provar o doce desta vida. Vem ver que eu tenho mais pra dar que pra tirar tivera um dia. O macio deste pássaro de ouro e o vôo aventureiro de meu pulso. Vem, flor mimosa, molhar teu cheiro na brisa desta noite.

E tanto o canto sibilou que a pobre flor sorriu e a porta larga penetrou.

Embriaguez

Num bar qualquer, um magro, pálido e triste obreiro bebia umas e outras doses de aguardente e falava da vida e da morte e cuspia blasfêmias nas pontas de cigarro, como se as fomes que os seus olhos viam pudessem ser saciadas com sonhos e ausências suas.

Escolhos

Fugindo das luzes e dos olhos, o carro corria feito criança e buscava o ermo duma praia longínqua. E de tanto buscar, vela que a doçura da fala embalava, a lua clareou-os entre o cansaço e a luta. E lhes deu paz pra guerra entre o espinho e a flor. E os derrubou no sujo gozo dos corpos nus.

Viagem

Pelos vapores do copo ido, o pálido obreiro no seu barraco aportou. A porta espancou e o choro fino da mulher ouviu. Nossa virgem sumiu pra rua ou para a lua, encantada por moço galante ou por leite galático.

Ato

O velho barco na escuridão penetrava as profundezas do mar, numa viagem tão de fúria que os olhos da lua se anuviavam. Que as águas de frias ardentes se fizeram e de vermelho se tingiram. Que um grito tão mudo o sátiro pançudo espantou e fê-lo correr pra longe das areias.

Procuras

Nas vizinhanças e chefaturas a triste mãe e o magro pai toda a noite consumiram, perguntas fazendo e dúvidas deixando, nada encontrando parecido com uns cabelos longos, olhos castanhos, pernas bonitas, sorriso de flor e vestidinho de organdi.

Vagamundo

Girando no escuro da noite, o carro viu a cidade estertorar de cansada e rasgar os lençóis do sonho. Viu as fugas em fugas ligeiras e as estrelas mudar de cor. E disse graças a Deus quando o sol piscou o olho entre as brancuras edificadas.

Alerta

Quando os galos suburbanos cantaram, os pais da menina perdida anunciaram aos filhos dormidos que procurassem debaixo das malas a irmãzinha escondida, que nas ruas não havia nenhuma com ela parecida.

Primeiro

Antes que o porteiro chegasse, Amo abriu as portas do escritório, que o vigia experimentou uma sensação de dormência muito mais forte que a sentida no decorrer do notur-

no serviço. Refestelou-se no seu gabinete e ordenou a si mesmo que não pensasse em nada, a não ser no seu dinheiro.

E se viu feito rajá, rodeado de moedas, de que a coroa era de rei e a cara de mulher. Caras que se alongavam, rindo e chorando a um tempo, rindo do rei rajá amo de todos, chorando de estupor ante o poder daquele que as mirava com avidez.

Último

Muito tarde foi chegar o operário Valdevino, alegando estar vivendo um momento de aflição, por ter sido sua filha raptada ou foragida na noitada já passada. Tal desculpa não quis o gerente ouvir, dizendo simplesmente vá-se embora.

Rixa

Revoltado com o dito, Valdevino procurou o gabinete do patrão, pra contar a mesma história e dizer mal do puxa-saco. Seu Amo não aceitou a desculpa de Valdevino e gritou-lhe vá-se embora. Valdevino, enraivecido, levantou o punho forte e derrubou o seu patrão.

Prisão

Quando ouviram a barulheira, os guarda-costas do patrão penetraram o gabinete e desencaram o malcriado. E, por ordem patronal, a polícia se chegou e levou acorrentado o coitado Valdevino.

Sonho

Já na cela inconfortável, o operário se enroscou e olhou o mais que pode para dentro de si mesmo. E viu sua filha voltando nos braços-silvas dos anjos, pisando a cabeça grande do dragão-Amo-patrão, que tombou desfalecido na cadeira confortável.

Fim

Em sua sala-gabinete, Amo pensou uma vez mais na menina que morreu ao peso de seu poder e sentiu uma agonia apoderar-se de seu corpo. Agarrou-se no espaldar da cadeira que girava, como que agarrando a vida, que fugia, que fugia.

O CASTIGO DE DEUS COMEÇOU AO MEIO-DIA

Olhando para o chão, vi deslizar uma sombra que corria. Respirei e senti um cheiro de coisa queimada. Um mormaço maior do que quando tudo estava parado ao meio-dia impacientou-me. Olhei para o céu a ver se via alguma nuvem de chuva mas vi foi um sol pardacento, que me queimou os olhos. Levei as mãos à testa e corri a perguntar a mamãe, que lavava roupa ao tanque, o que é que estava acontecendo. O que foi que aconteceu, menino? Corri pelo corredor na direção da rua, afobado. Nas janelas as mulheres debruçavam os olhos para as bandas do céu, mexericando medos antigos de um futuro de fogo que queimaria tudo. Castigo de Deus pelos pecados dos homens. Nas calçadas as castanhas assavam, esquecidas das brincadeiras dos moleques. Incêndio no Potiu. O mensageiro chegou aflito, suando e fedendo a cachaça. Iria fugindo para a Serra? Mas o jumento carregava tão manso e tão cansado a carga de panos que nem sequer olhava para trás nem para o alto. O chicote estalava quando a notícia não tinha mais curiosos. Onde é o incêndio? A cachaça saía na notícia — na fábrica. Xalape. O jumentinho dava uns passos, vinha outro curioso, paravam à sombra da fumaça. Voltei ao quintal carregado de incêndios e de chicotadas e acocorei-me ao pé das bananeiras. Estava tudo escurecendo e a água passeava fria entre meus pés e os monstros que vinham de longe, de outros quintais, alisando minha cabeça, enegrecendo as bananeiras, atravessando os muros, e se perdiam. Iam no rumo da Serra, carregados pelos ventos, embrenhar-se no fundo das matas. Espichei-me, fiquei quase da altura do muro. Cacos de vidro apontavam suas cristas coloridas para meus olhos que ardiam. Recuei para meus pés. Acima dos telhados fumaças nasciam de umas línguas vermelhas que lambiam o

azul. De certo que se aquilo se espalharia pela cidade, viria subindo a rua, queimaria as casas e as pessoas, se não seguissem os passos do jumento carregado de panos. E se fôssemos todos para o meio da rua, onde estavam os moleques? De certo que lá o fogo não chegaria. Viria era pelas casas, subindo, até morrer na Matriz, porque lá ele não entraria. Diziam que quando o mar invadisse a terra no dilúvio do fim do mundo todos correriam para lá. E estariam salvos, porque as águas ficariam em baixo, nas ruas, nas casas. Nunca atingiriam as torres, os altares, os púlpitos, os telhados muito altos. Diziam também que se não fosse a água seria o fogo que acabaria o mundo. Mamãe, vamos para a Matriz. Fazer o que lá, menino? O mundo vai se acabar. Besteira, menino. Corri de novo à janela. Lá estava ainda o jumento comendo capim na coxia, o mensageiro inventando histórias, o povo escutando. Fui para o quarto e me ajoelhei diante do santuário. Olhei para a telha de vidro. Lá estava a fumaça passeando sobre tudo. E papai, onde estaria papai? Corri para perto do tanque. Venha tomar banho logo, que seu pai está para chegar. E se o fogo já tivesse engolido sua bodega? Empurraram a porta da rua. Corri para lá. Esbarrei-me em papai. O que é isso? Entrou. Trepei-me na janela. Na esquina, o jumento comia capim sozinho. Na porta da bodega o mensageiro cuspia. Do outro lado só a fumaça que vinha para as bandas de cá, negra, ameaçadora, para castigar tudo com fogo, muito fogo. Venha tomar banho, menino malouvido.

Brasília, fevereiro de 1978.

IMPOSSÍVEL CONTAR A HISTÓRIA DE PALMA

O que mais aborrecia Martinando depois do regresso de Palma não era ter encontrado os primos ainda ameninados e o tio quase como sempre tinha sido. Admirava-se da prodigalidade mansa daqueles adolescentes que havia conhecido meninos brigões, como se o pai fosse muito rico ou, pelo menos, proprietário de sítio. Sobretudo porque era do conhecimento público que o velho Augusto até dormia na bodega e nunca permitiu sequer que os filhos chupassem um bombom. Tudo medido e pesado, para que pudessem estudar e virar doutores. Martinando lembrava-se de que depois de satisfazer sua ânsia de redescoberta da terra fora cumprimentar o velho, que nem esperou para saber de onde vinha o sobrinho e que talvez imaginou ser de Fortaleza.

— Fique aí enquanto eu vou ali.

Sobre a mesinha, onde armazenava o dinheiro, duas carteiras de marcas diferentes de cigarro abertas, como se o tio não tivesse deixado de fumar, depois de ter ido bater num hospital, acometido pela bronquite secular.

— Vim só comprar cigarro, apressou-se a dizer, abanando a cédula na direção do velho.

Na verdade, estava cansado de tanto andar e queria só conversar aquelas conversas fúteis de como vai o Carlos?, você já se formou?, e a comadre Clarice? Havia andado muito, a subir e a descer ladeiras, no meio dos matos, a percorrer as velhas ruas tranqüilas, onde noutras eras brincara de bola-de-meia. Como era tudo diferente do que imaginara ou vira! Parecia uma terra estranha, tantos montes, tantos rios, tanta floresta. Realmente nunca pisara aqueles campos. Nascera e vivera dentro da cidadezinha e as poucas vezes que dela saíra,

antes de sair definitivamente, fora aos sítios de parentes e aderentes que ficavam do outro lado. Via tudo com olhos novos, com um interesse mais científico que sentimental. Como um médico legista diante de sua própria mãe morta. Não uma visão assim tão trágica. Sentia até umas pontadas de nativismo nos olhos. Os primos, que nunca haviam saido de lá, como cicerones. Indicando, nomeando, apelidando, sérios e preocupados em servir ao primo que veio do Sul.

Foi por acaso que encontrou o livro. Porque o que foi buscar foi informações que a própria terra e a própria cidade lhe deviam dar. Vasculhou as grotas para saber os nomes dos sítios, dos rios e das árvores, ciceroneado pelos primos, que até podiam estar dando informações erradas por engano ou por não terem a preocupação científica do visitante, nem dela saberem. Depois dispensou-os e andou só pela cidade, que conhecia não como a palma de sua mão, mas tanto quanto eles. Diante de cada prédio antigo, de aparência antiga, de sobrados e casarões, parava, olhos de turista, caderno e caneta nas mãos, a chamar a atenção dos palmenses.

Da fachada de um sobrado copiou o ano de 1912, da parede da frente de um casarão copiou a inscrição Solar do Capitão Pedro Vasconcelos — 1915, e de outros e outros, que poderiam contar parte da história de Palma, tal como nos sonhos e nas imaginações que o levaram de volta à cidade. Agora, acreditava mesmo nos sonhos. Porque os sonhos não surgiam do acaso mas de uma exigência objetiva do intelecto. Ora, quando iria sonhar com aqueles prédios e aquelas inscrições se seu intelecto não exigisse a história de Palma?

Cansado de procurar inscrições, entrou numa bodega, à toa, como poderia ter ficado num banco da praça. O bodegueiro não lhe era estranho, como a maioria das pessoas da cidade. Nem lhe sabia o nome. E era o mesmo que conhecera de tanto ver há anos.

Não se aborrecia também com o incidente público provocado pelo bodegueiro, que, ao avistar Caetano, gritou:

— Diga a Madalena que venha pagar os quarenta cruzeiros que me deve.

Ficou meio desapontado, achou até que o bodegueiro fez aquilo para insultar toda a sua família. Cobrar aos gritos uma continha de nada era o mesmo que dizer — olhe, sua família, tão numerosa e tão conceituada, compra fiado e não paga porque não tem com que.

O rapazinho parou e se voltou para dizer que sua mãe não tinha dinheiro nenhum. Talvez até quisesse dar melhores explicações mas, vendo o primo, continuou a caminhada.

— Então diga a ela que arranje hoje à noite com os machos, replicou o bodegueiro.

Teve ímpetos de sair dali e abandonar o livro que acariciava, folheava e desejava. Mas não. Onde encontraria aquela obra raríssima, senão ali? Permaneceu. E era só com isso que se aborrecia. Por que não comprou o livro? Era só perder a cerimônia, pedir dinheiro emprestado ao tio e pronto — satisfazia o desejo. Um livro velho destinado a enrolar sabão e fumo numa bodega de interior, transformado em raridade de antiquário! Devia era ter roubado. E o nome da família iria para onde com mais essa? Por que não ter pedido simplesmente, se não era mais livro mas papel para enrolar porcarias?

Martinando se aborrecia mesmo era com o destino. Por que foi parar naquela bodega e não noutra? Ou em todas havia livros importantes sobre o balcão destinados a embrulhar sabão, fumo e quantas porcarias houvessem?

Pelo hábito de querer saber de que tratam todos os livros, folheou aquele pedaço da história de Palma, sem saber o que fazer diante de tamanho achado. Estava ali a resposta a todas as suas indagações históricas. Ou primórdios, o desenvolvimento. A aldeia indígena que virou vila, que virou cidade. Tudo em detalhes de sábio. A primeira cabana, a primeira capela, o primeiro sobrado.

— Você vende?

Não devia ter demonstrado tanto interesse nem ter originado o ato mercantil.

— Oitenta cruzeiros. Ninguém encontra mais um exemplar sequer.

Numa foto, a Praça da Matriz vista de longe e do alto. Talvez de outra igreja ou de um avião. Agrupadas em torno, três igrejas, como nunca vira em Palma.

— Demoliram estas duas, ficou só a matriz, veio apontar o bodegueiro. Um livro raro. Toda a história de Palma.

Brasília, 5 de abril de 1978.

MARACANÃS

No meio daquelas mulheres tão coloridas e belas demais para seus olhos turvos, a tontura empurrou-o para os cantos, barata chutada com nojo. E a alegria geral cresceu-lhe em ondas espantosas, avassalando-o, afogando-o. Como um moleque na casa grande. Pior, como um herege no Vaticano. Escapulia, cheio de culpa, fugindo dos olhos que o não olhavam. Pião perdendo a velocidade, prestes a rolar descontrolado, a ponta para todos os lados. Equilibrou-se, voltou à mesa. Suava, arfava. Iria embora, para a rua, para a praia, para os matos tão longínquos? Não, restava-lhe ver e sentir. Beber então, já que não lhe era possível o amor de tantas mulheres. Mais uma cerveja. Já que pular também não podia. Acendeu um cigarro. Dali veria a todas. Estaria, de certa forma, mais perto de todas. Daquelas calcinhas verdes e daquelas meias pretas, daqueles óculos vermelhos e daqueles penachos cinzas, que cantavam como maracanãs fogosas à beira da lagoa. Que rodopiavam e riam já dentro de seus olhos arregalados e famintos. Era beleza demais para a sua feiura de lobo solitário. Mas quem privatizou a natureza, o sexo? Não, era tempo de outra face. Quem sabe muitos mais tristes gritavam por detrás de máscaras até femininas. Criou coragem, bebeu um gole, ergueu-se. E correu para o meio do salão, esquecido de suas pobres cores. Cercou-se de passos e de harmonias e gritou um grito de vencido. Tão próximo de tudo, perdeu a noção do sonho e mergulhou noutro. Mais antigo e mais terrível para o seu corpo raquítico de comedor de açúcar. Ao seu redor já não bailavam mocinhas e nem já eram as aves do livro de zoologia. Eram guerreiras em pé de guerra. Amazonas talvez. Maracás medonhos matraqueavam no ar de fumaça. Dentro das cuias pedras preciosas em revolução, fora penas de guarás agitados,

como numa tempestade. Não, não eram apenas penas. Eram guarás ferozes, brancos, pretos e vermelhos, que esvoaçavam como abelhas mortíferas ao seu redor, como a querer ferroá-lo, queimá-lo. Iria tombar como um cobarde caraíba? Parou, como se fosse possível frear o medo que galopa dentro dos olhos. Estranho, uma espécie de sonho. Ou o delírio de quem já bebe para dormir? Mas... voltaram as maracanãs enlouquecidas, rindo daquela cara de cera, múmia fugida da frigidez do tempo, mergulhando harmoniosas no espelho das águas. Duplos bandos que sapateavam exatamente um nos pés do outro. Balé incrivelmente perfeito. Fascinado, não viu aproximarem-se pesados dois imensos soldados. Agarraram-no pelos sovacos, como para depenarem-no. As dançarinas reuniram-se numa só, caladas, estáticas. Conduziram-no, espantado, como se fosse o maestro daquela ópera. Vá embora, se não quiser ser jogado por cima do muro. Do rochedo que apaziguava o mar. Aquele jaguar que bufava lá fora. Deixou-se levar como um cordeiro para o horto. O mar gritando, o samba fugindo, a lua rolando, o frio zunindo. Caiu para sentar-se. E logo dormiu e teve um sonho tão bom que, quando o sol lhe queimou os olhos, um riso estranho abria-lhe a boca de lado a lado.

MISTÉRIO DOLOROSO

I — DESGRACEIRA

Mas se isso tem cabimento! Se fosse ao menos outra! E por que ele não fez uma carta dessas pro Mundico? Todo mundo sabe que aquele é corno no duro. Mas pro Prefeito, que até meu amigo é... Eu nunca que esperava uma coisa dessas. Logo agora que eu já estava me aprumando na vida! Só pode ser caiporismo! Como tem gente ruim neste mundo! É, ele queria era que o Prefeito se intrigasse comigo e deixasse de empreitar meus serviços, pra ficar sozinho. Ganância, pura ganância. Mas ele vai me pagar. Vou mostrar com quantos paus se faz uma canoa. Meto uma bala na cara lá dele e acabo com tudo. Gente ruim não merece viver. E se eu for embora? Evitar uma desgraça maior. Tentar a vida longe daqui. Começar tudo de novo. Fazer novas amizades, eleger outro prefeito... Não, não vou deixar ele ficar se pabulando, dizendo que eu era um cabra safado e além de tudo covarde. Não, aqui é o meu lugar. Foi aqui que comecei, aqui vou ficar. Fico e tiro aquele trambolho de minha vida. Desce daí, filho de quenga. Vem, que eu quero mostrar quem é o covarde. Pei, bufo. Aí fujo pros cafundós de judas, deixo tudo, a mulher, os filhos, os cafiotes, me desgraço de uma vez, que desgraça pouca pra mim é tiquinho, ou vou logo pra cadeia ou me matam por aí. Ou então não faço nada, o Prefeito já sabe que foi ele que escreveu a carta e meteu debaixo de sua porta, e deixo ele ficar futricando minha vida. Aguento tudo calado. Todas as suas safadezas. Mas aí vem uma bala doida e... adeus vidinha. Não, essa não. Vamos, homem, deixa de paleio. Decide logo a porcaria dessa atitude. Acaba com aquele loroteiro de uma figa e foge pro oco do mundo. Você vai sofrer

que só couro de pisar fumo mas homem nasceu foi pra sofrer mesmo. Você não é mais menino, já fez foi muito. Já elegeu até um prefeito. É, sim, se não fosse esse cabo eleitoral velho de guerra aqui a coisa hoje era muito diferente. Nem mel nem combuca. Pensando bem, é melhor deixar tudo como está. Quem mexe em casa de maribondo... Eu nunca fui de fazer emboança. Mas ele precisa aprender a respeitar homem. Pensa que sou o quê? Sei que vai ser uma desgraceira danada, mas tem que ser assim. Vou ensinar ele a não mexer com quem está quieto. Meto uma bala no meio da testa lá dele e pronto. Depois fujo, sou preso, a família vai passar dificuldades... É o jeito. O povo todo já sabe da futrica toda. Se eu não fizer nada vão me chamar de covarde e ficar pensando que essa história-furada é verdade. E se eu metesse o relho-cru nos lombos daquele futriqueiro, nas vistas de todo mundo, pra ele deixar de ser sem-vergonha? Não, não vai dar certo. É melhor mesmo acabar logo com essa história, porque o safado não vale um tostão furado. E se eu errar o tiro? Ele me mata em cima das buchas. Mas não, minha pontaria não falha nunca. Vou. Me deu na veneta, agora tenho que ir mesmo. Se não ele vai ficar fazendo mangofa de mim. Chego lá, não quero conversa, mando ele descer de cima dos andaimes, se ele estiver trepado, ou mando ele se virar, se ele estiver de costas, porque homem não mata nem cachorro a traição. Vim mostrar a carta que você escreveu em meu nome, bandido. Digo assim mesmo, porque o que ele fez foi coisa de bandido. De bandido não, de cachorro. Faça o pelo sinal, cachorro. Não, cachorro não faz pelo sinal. Faça o pelo sinal, seu mequetrefe, que eu vou mandar você pra terra dos pés juntos. Atiro dentro da boca lá dele, sem dó nem piedade. Ele cai que nem um passarinho, fica estrebuchando no chão, aí eu corro, que não sou besta pra ser linchado. Eu sei que os cabras dele vão se meter. Nunca fugi mas dessa vez vai ser o jeito. Os coitados dos barrigudos vão ficar ao deus-dará, a pobre da Bastiana vai chorar que só vendo, ficar sozinha no mundo, sem nada, sem homem... Mas eu volto um dia e carrego ela e eles daqui. Vamos pras bandas da Bahia, no rumo de São Paulo. Se não der certo, se eu for preso aqui, vai ser até melhor. Pelo menos ela e eles vão poder me ver de vez em quando e ter paciência de esperar.

Lá está ele trepado. Já me viu. Será que está armado? Está falando pros outros. Vai descer. Desça logo daí, seu filho de puta. Venha aprender a ser homem. E vem mesmo. Tenho que atirar logo. Assim que ele chegar perto de mim. Não, vou primeiro dizer tudo o que quero dizer e esperar a reação dele. Quando ele se peneirar, taco o tiro no meio da testa lá dele. Ai, filho duma égua. Vou te matar, bandido. A carta. Pura covardia. Queria me ver na merda. Mato. Mato. Mato. Olha os outros. Vão se meter. Matei. Aposto que matei. Caiu. Está estrebuchando. Cachorros. Vou matar vocês também. Afastem-se. Cambada de cachorros. Tenho que matar, senão eles me matam. Atirar e correr por aquele beco, ganhar as brenhas do mato, correr que nem veado, até a noite chegar, perseguido por eles, feito bicho do mato caçado, vão me esfolar vivo, a mulher vai ficar doida, os meninos vão chorar, eles são capazes de se vingar nela e neles, os malvados, e eu não vou poder fazer nada, mas um dia vou me vingar, matar um a um, ou então me entregar logo, correr pra Delegacia, lá vêm os soldados e o Delegado, me deixem em paz, bando de covardes, sou só um contra vocês. Eles querem me matar, Seu Delegado. Eu matei aquele bandido pra mostrar... Soltem-me, filhos de puta. Levem-me daqui, senão... eles me matam... Prendam... Afastem eles. Magote de urubus. Eu quase morto e eles me batendo. Se não fosse a polícia... Também não presta pra nada, mas desta vez me salvou. Talvez até me mate de peia, como fizeram com o Zeca Mariano. Coitado. Deram uma surra danada no pobre que ele morreu todo quebrado e todo ensanguentado. Uns malvados também. Só porque o desgraçado bebeu bebeu e não pode pagar a despesa. Precisava disso? Não precisa quebrar meus braços, não, seus cachorros. Todo mundo olhando, parece que nunca viram cabra macho. Pois é, não engulo desaforo. Matei e está matado. Agora o danado está pra lá das profundas. Quem mandou ele arranjar encrenca. Agora estou com o sangue frio. Fiz o que devia fazer. Vou sofrer nas unhas desses outros urubus mas um dia me solto. Lavei minha honra e a da mulher do Prefeito. Ninguém vai mais acreditar naquela história. Mas aposto que ainda vão me chamar de criminoso. Só porque matei aquele peste. Todo mundo vai ficar com pena dele. É assim o mundo. Só presta

quem não presta. Defendi minha honra e meus direitos. Lavei com sangue, o que não é direito, mas não havia outro jeito. Diga se não está errado um negócio desses. Não foi ele que fez a carta, que inventou tudo, feito rapariga. Merecia mesmo morrer. E eu inocente de tudo, sem saber o que o cabra estava tramando. Eu sabia lá que ele era capaz de uma coisa dessas. Eu sabia que ele ia querer me matar um dia. Disso eu sabia. Agi como homem. Não a traição, que isso não é atitude de quem tem vergonha. Mas ele ia fazer isso um dia, aposto. Se a carta não desse certo, se eu não fosse embora daqui, fugido como um covarde, ele era capaz mesmo de me matar. Cabra ruim. Ou talvez não tivesse coragem, que covarde não tem coragem de matar ninguém. Manda matar. Ou arranja um meio de não mandar, como o sistema da carta. O Prefeito que abriu meus olhos: olhe, ele vai mandar uma carta dessas pro Valdomiro, e ele não vai querer conversa. Se souber que a mulher bota chifre nele com você, mesmo sendo mentira, como esta, você é defunto na mesma hora. Mas o diabo já está morto e não adianta mais pensar no caso. Agora é esperar pelo resto da desgraça, que quem nasceu pra penar não adianta procurar felicidade. Agora que desgracei minha vida, que virei barata doida, bala doida zunindo nas minhas oiças, está tudo rodando que nem pião. Tá tudo uma desgraceira que não tem fim.

II — DOIDEIRA

Eu carregava na cabeça o balaio de bosta de gado e tudo escorria podre e fedorento sobre minha cara suada, suja e endurecida, como os outros, os desgraçados penitentes, açoitados pelos malvados carcereiros, que não riam, nem choravam, mas gritavam impropérios, como se fôssemos bestas de carga e devêssemos pagar os pecados que toda a humanidade cometeu, como se devêssemos limpar toda a sujeira do mundo, tal qual a chuva derretendo barrancos, enlameando estradas, derrubando angicos, estragando plantações e afugentando animais. Mas por que, se aquele cabra mereceu a morte, se o que fez durante toda a vida não foi menos que toda a malvadeza possível, se agi em legítima defesa?, embora apenas da honra, como disse meu defensor, mesmo que morresse no seu lugar

e não no meu ou em outro qualquer, como se fosse seu lar, porque o lugar de trabalho é como o lar, como disse o acusador. Vai ficar tudo molhado, vai virar tudo um rio, um grande rio barrento, que me vai levar como graveto e me lavar o crime, que foi apenas uma vingança, porque aquela carta foi uma calúnia e, mais do que uma calúnia, uma monstruosa emboscada, para que o prefeito, que era meu amigo, se tornasse meu desafeto e me matasse, sem que eu de nada soubesse, inocente que estaria. Como eu iria corneá-lo, se lhe devia favores, se ele me deu a fazer serviços de sua ordem, tirando aos poucos daquele candango metade do que sempre lhe dera? Embora em troca do que lhe dei, troco que ansiei e busquei, porque fui seu cabo eleitoral, arranjei-lhe votos e muitos votos, de parentes e aderentes. E se nunca me apeteceu sua mulher, mesmo sendo ela ainda bonita, ainda nova e ainda fogosa? Não nego que cometi mil desatinos, que me meti em muitas fuzarcas, que me embriaguei em demasia, nos bares e nos cabarés, e que tive cunhãs e que muitos filhos deixei pelo mundo, mas nunca me atrevi a mexer com moça-donzela e muito menos a olhar para aquela mulher com olhos pecaminosos ou uma vez sequer lhe dizer palavras outras que não as como vai a senhora? Bom dia! Boa tarde! Boa noite! nem também ela (embora não saiba eu do coração de ninguém, porque, como diz o povo, coração é terra que ninguém pisa), que nunca olhou para mim com intenções de traição, como os relâmpagos, que tudo ulumiam mas que tudo apavoram e de noite bem alta fazem dia mais bem claro, e como os trovões, que assustam a natureza, que rasgam o céu com estampidos e me amedrontam, como se eu fosse um pobrezinho animal indefeso, perdido nesses ermos alagados e frios. Tomei até um susto quando o prefeito me veio com aquela carta na mão, nervoso e enraivecido, com as feições endurecidas e as palavras capengando. Fiquei nervoso também e antes de ler o papel pensei logo naquele lambanceiro de uma figa. Reconheci-lhe a letra e não tive dúvida nenhuma: "É dele, com toda a certeza e isso tudo é mentira." Mas o pior estava por vir e o mais pior por ouvir da boca do pobre prefeito: "Tome cuidado então, que carta igual vai chegar às mãos do vice-prefeito, que é valente como uma onça e mata sem perguntar." Virei o diabo na hora e pen-

sei logo em matar aquele peste safado que queria me arruinar. Cascavel correndo que nem veado com medo da tempestade. Porque não há quem meta mais medo que a natureza, que é forte, que é grande, que é tudo, que é mais forte que nós mortais. Quando o perito reconheceu a letra do punho dele, criei coragem e mais raiva e fui direto dizer que o traiçoeiro era ele. E fui armado como podia, porque sabia que já devia ter me vingado bem antes. "Desça daí, seu escrivão, venha ver pela última vez sua carta de puta ruim." E ele desceu atrevido e foi me esbofeteando, como se não bastasse o que já feito havia. Atirado sobre tábuas e pregos, vi tudo correr nos meus olhos, como se Deus estivesse dando corda no grande relógio do mundo. Puxei minha arma mortal e foi um só tiro certeiro no peito esquerdo. Depois não vi mais nada, tudo escuro ficou, como agora que a chuva engrossou e ensurdeceu. E depois que ele era morto e depois que eu era assassino, eu vivia com medo de tudo, como menino de bacurau. Depois que havia sofrido seis anos de prisão, convivendo com o cansaço, com a tristeza e a dor, embriaguei-me mais ainda e não vi mais porque vestir as roupas nem falar as falas dos meus semelhantes em tudo, até no desejo reprimido de do meio deles sumir. Depois que meu trabalhar me deu liberdade outra vez. Mas que liberdade era aquela que não me deixava liberto, com medo até de gato em cima do telhado? Um dia uma zoada nas telhas fez meu filho acordar e acender o lampião e, vendo a luz só nas paredes e nos cantos do telhado, gritou bem alto que estava vendo as estrelas no céu de sua fianga. Corri apavorado, pensando que o safado, ressurgido do cemitério, havia minha casa destampado, para vingar sua morte. E de lá para cá não mais sossego eu tive — é tempestade de dor, é tempestade de chuva. É mata caindo aqui, é boi correndo maluco. É rio que vai enchendo, é lama por toda parte. É perdição de quem se perdeu, é tristeza que não tem fim. É a vida virando perau, rio cheio, barulhento, lama, tempestade, ribanceira derrubada levada pras lonjuras. E esta doideira de correr mesmo parado, porque não sei se estou parado ou se é o rio que corre, se sou eu que corro maluco, dentro da treva e da tempestade, dentro da natureza danada, feroz, feito fera, ou se é o mundo que gira doido, com medo de babau, jaguara e caipora.

III — PRAGA DE URUBU

Você caiu, enfim. Agora vai apodrecer debaixo desse aguaceiro. Ser queimado pelos raios, açoitado pelas ventanias, levado ribanceiras abaixo quem nem boi morto na enchente. Vai bater no fim das águas. Lá no fundo do mar, lá onde moram as serpentes. Nem por encanto você será salvo. Nem por milagre. E não adianta se valer de seus santos. Olhe o céu clareando, os trovões assustando a natureza. Olhe como a chuva está grossa, seu valentão. Agora se trema de frio e de medo. Agora aguente as conseqüências de seu crime. Quem não pode com o pote não pega na rodilha. Quem mandou você fazer o que fez? Quem lhe deu o direito de tirar a vida de um pobre vivente? Quem mandou você tirar a vida daquele coitado, que só queria ganhar dinheiro como você ganhava, para sustentar a família, que era tão grande quanto a sua e a de outros que moram aqui nestes sertões? Quem mandou, heim? Você não tinha esse direito. Você não tinha o direito de fazer o que fez. Você não tinha o direito de fazer uma desgraceira daquelas. Ele queria apenas partilhar os mesmos direitos que você tinha. Por que só você queria construir prédios e ganhar dinheiro? Por acaso ele não era tão bom artífice quanto você? Por acaso ele não era tão pai de família quanto você? Por acaso ele não era tão humano quanto você? Se escreveu a carta, foi por necessidade de salvar a pele. Por que a precisão de um crime maior para vingar um crime tão curto? Matar por causa de uma simples carta! Você tem mesmo certeza de que não namorava, pelo menos com os olhos ou ainda só com os desejos, a mulher do prefeito? Se não era ela, eram outras, que você nunca foi flor que se cheirasse. Lembra-se ainda das espiadas que você dava naquela sua vizinha? E na irmã de sua própria mulher? E na filha da velha broeira? E em tantas e tantas outras? Ou você está broco? Não sabe mais o que fez? Bote o quengo pra funcionar. Não se faça de mouco pra melhor passar. Você nega, por acaso, que tenha engabelado aquela pobre moça da Serra de Baturité, quando lá esteve em 1955? Aquela que o julgava solteiro e rico fazendeiro da Paraíba. Você nega que sua conversa fiada iludia qualquer mulher? Você era sonso, sempre foi sonso. Todo o seu tempo de prisão

não foi outra coisa senão uma grande sonsice. Até que grangeou fama de cabra trabalhador e conseguiu livrar-se da bosta na cabeça. Mas pra quê?, se pra viver se embriagando, desrespeitando as famílias, humilhando a mulher, envergonhando os filhos. Você se lembra que uma vez saiu nu, bêbado que nem uma cabaça, de facão em punho, derrubando cocos dos coqueiros públicos, apenas por malinagem, tal qual você fazia quando menino? De você não se podia esperar coisa boa. Você já nasceu malfeitor. Já nasceu com este instinto perverso. Matava os bichos só pra ver quantas tripas eles tinham. Malvado! E a pisa que você deu em seu filho com o chiqueirador? Chega saiu sangue das costelas do miserável. E você urrava de ódio, feito um animal doido, como se batesse num inimigo ou numa pedra. Você sempre foi ruim. Não vale o que a gata enterra. Você se lembra que jogou fora o escapulário que sua mãe lhe deu quando a Santa Missão visitou o sertão? Agora você precisava ao menos de uma ajuda. Mas ninguém virá ~~socorrê-lo~~. Todos lhe abandonaram, como se você estivesse atacado da peste. Agora vai morrer sozinho, como um leproso, como um cão sem dono. E só não lhe atiram pedras porque já bastam as que caem do céu. Castigo, castigo, seu danadinho! Agora se ate com a doideira que sua vida virou. E veja se aguenta o rojão. Matar não é nada, ruim é essa doideira dentro da cabeça e esse castigo da natureza. Você não disse matei e está matado, quando viu a mulher do finado gemendo e chorando? Pois ela, pra se vingar, desejou a você a pior de todas as mortes e você não acreditou e disse que praga de urubu não mata cavalo. Agora aguente, filho de uma égua. Ele que morreu talvez esteja melhor do que você. Porque morreu sem pensar na morte e você vai morrer se agarrando aos últimos galhos da vida. Não diga agora que a vida é tirana. Você, sim, era tirano. Não adianta querer se encostar nos troncos das árvores, se esconder detrás das moitas. Onde você estiver a desgraça irá ~~buscá-lo~~ lhe buscar. É o seu destino. A desgraça habita até os cafundós de judas. Até o fundo das grutas. Não tem por onde escapulir. Olhe pro céu e veja que do alto vem a vingança. Veja as nuvens se despencando, as estrelas vão cair sobre a terra, antes tostada e agora alagada, e tudo vai virar mar, como predisse o Bom Jesus Conselheiro. Não adianta se lamen-

tar, nem botar a culpa nisso ou naquilo. Você vai pagar caro pelo seu crime. Pelos seus crimes. Porque não foi só este o seu crime. Este foi apenas a desembocadura do grande rio de seus erros. Você se lembra também e ainda das aves que você calou o bico — sabiás, patativas, curiós, galos-de-campina, arapongas, pintassilgos, bem-te-vis, guriatão e tantas outras, com sua baladeira certeira e malvada, que talvez tenha virado breu de tão preta de luto pelas suas vítimas? Não, não era brincadeira. Você fazia isso por malvadeza. Quem via a sua frieza nem imaginava que você só faltava se cagar de medo de babau, caipora e jaguara. Mas você não imaginava o medo que os coitadinhos dos bichos sentiam de você e de sua baladeira. E não é só isso. O rosário é grande. As galinhas que você esfolou, como se não bastassem os animais maiores, as jumentas, as cabras, as novilhas. Você, capiau sem eira nem beira, não imaginava que maculava a natureza, gozando. E as meninas que você obrigava a se despir no meio do mato, detrás das bananeiras, nas beiras dos rios, para vergonha delas por toda a vida? Lorota não, que lorota era o que você dizia. E já frangote, as saias que você arribava por pura senvergonhice? E as risadas que você deu quando seu pai, soldado da volante, contou que os cangaceiros obrigaram uma velha viúva e suas filhas a dançar nuas com eles, depois de terem morto o menino mudo? Você não se condoía da dor dos miseráveis. Você é um judeu. E vai pagar caro por tudo o que fez. Vai apodrecer feito fruta na lama e se encher de bicheira e ser devorado pelos urubus, quando a chuva passar, se seu corpo antes não for levado pelas grotas, pelos rios, para o fundo do mar. Porque aquela prisãozinha não foi nada, não valeu nada. Não deu pra pagar seus pecados. Agora, sim, é que vem castigo. Você vai virar molambo, porque se assim não fosse você muito ainda iria andar ao léu, que nem ovelha desgarrada, trambecando que nem retirante, pisado pela boiada, arrastado pelas onças, bicado pelos urubus, fuçado pelos porcos, espalhado pela lama que nem sabugo de milho. Mas vai ser pior, porque você vai ficar inteiro mas inchado que nem cururu e, por fim, ser arrastado pelo mundo. E ficar pior do que um cascabulho. Muito pior.

TIL ANANIAS E SEU POLICARPO

Afagado pela língua de um cão solitário, Policarpo misturava nos olhos imagens antigas ao furor do patrão que latia por acaso estais duvidando da fama de Til Ananias, autor de autos e farsas, relações e epopéias, e mil outras maneiras de inventar a vida de sanchos como tu? Como ousas afirmar uma negação? Incompetente, cego e maneta, como é possível não me encontrares neste cosmos gutenbergiano? Todos os primeiros passos em busca do afamado autor. Depois a angústia maior. Na calçada os meninos que brincavam surdos às palmas tímidas e frias que eu batia à porta do casarão do velho Ananias. Batia e escutava o eco das palmas cantadas. E, quando ia bater pela não sei que vez, fui surpreendido por dois acontecimentos: o inesperado de uma bolada de meia em pleno rosto e o esperado de um rosto de bola que abria a porta devagarzinho e assustado.

— Que deseja?

Atarantado, não sabia se me devia voltar para os possíveis futuros pelés ou se fugir daquela voz de mofo e de sono.

Desatarantei-me, fechei os ouvidos às molecagens da rua e gaguejuei que um escritor muito atarefado, acho que é este o endereço, a cabeça muito cheia de pesadelos, andava perdido no meio das letras de hebdomadários e resenhas, as mãos trôpegas, colunas sociais e lingüísticas, necessita de um ledor, digo, de um secretário, ativo, inteligente, que saiba ler as cento e tantas, não sei, línguas faladas e escritas, para recortar o seu nome, deixe ver, Til Ananias, escritor famoso..., de pasquins e matutinos ou vespertinos ou noturninos...

Os moleques ouviram calados e tristes, a bola esquecida entre as patas de um cão sonolento, meu tímido falar de ex-

batedor de palmas, que ia descobrindo nos olhos do velho o anúncio enrolado debaixo do suor.

Mas quando o sono desembolou-se das patas do cão, os antigos bebês empurraram porta a dentro nós dois engraçados senhores, que fomos tratar dos detalhes do novo ofício de recortar periódicos.

No momento exato em que eu já metia de volta os dedos na rua, a mesma fatídica bola-de-meia molhada indicou-me o rumo que deveria seguir. E lá segui rumo à banca de jornais, mais distraído do que as sarnas do cão, que mal distinguem mosquitos de moscas.

Quando a calçada se viu sem cão, sem bola e sem pernas, o mesmo pesado carvalho abriu uma frincha para a entrada triunfal de miríades de letras, conduzidas aos meus tão cansados ombros de futuro ledor.

E lá vieram os gritos moleques espantar o cachorro e fazer de Policarpo travø de meta. A primeira bolada passou-lhe tão próximo ao ouvido que, lembrado das moscas que o bicho deixou voejando, bateu palmas na própria orelha, de que resultou um estampido tão engraçado que os jogadores caíram no riso.

Ainda aturdido, Policarpo não percebeu que a dois passos de si um homenzinho amarelo que abanava as mãos era a causa primeira do riso tão prolongado da garotada.

— Palmas para o campeão das palmas!

E a rua inteira se encheu de sons de palmas, que fizeram acorrer às janelas mulheres de todos os gêneros, que gritavam parem com isso.

A porta então se abriu e o velho meteu a boca nos ouvidos do novo Policarpo.

— Trouxe o anúncio?

Estendendo a senha amassada, o rapaz comprovou não só ser esperançoso e paciente como também desempregado crônico.

— Comece então a pesquisa a partir de 31 de março de 1917.

Na sua imensa paciência, o novo empregado não se assustou mas teve a primeira e incrível ousadia de fazer uma pergunta.

— Porque esta é a data de meu nascimento.

E meteram-se os dois jornais a dentro, o velho falando, o moço ouvindo.

— Já encontrou alguma coisa?

— Nada, escritor.

E se enfurnaram tempo a fundo, o escritor pelas edições futuras, o ledor pelas passadas — útero letrado.

— Em que data você está?

— 30 de janeiro de 1945.

De repente, um grito assustou o tempo estagnado da sala ao quintal. E quem o ouviu foi o ledor, que já avançava pelos idos estadonovistas. Parou assustado, ameaçado pelas garras homicidas das manchetes brutais, sufocado pelas mãos negras das notícias subliminares. Desmaiou e se viu caminhando ao velho, que nadava entre 1999 e 2000.

— Senhor, achei uma mentira.

O velho permanecia beirando o século XXI, carregado de cãs e de suores, pendurado num caibro podre.

— Diz que faleceu hoje, vítima de um choque na televisão de seu casarão, o fracassado escritor...

— Diga o nome.

— ... Til Ananias.

O novo Policarpo acordou sufocado pela fumaça que vinha da sala — onde estavam depositados os jornais da década de 20. Buscou fugir do passado em que atolava. O fogo corria célere os anos, reduzindo-os a cinza. Pisando as letras, lançou-se no antigo Policarpo, que ainda chorava o emprego perdido, alheio aos moleques que gritavam vamos chamar os bombeiros para apagar a história. Que gritavam, porque mudos se fizeram, como a bola-de-meia no meio da rua, ao verem o milagre acontecer — a fusão dos dois policarpos.

Brasília, abril de 1978.

ELES TÊM OLHOS AZUIS?

Para Carlos Studart Filho

Eu lia "Jorge Garstman" quando ouvi gritos que vinham da rua. Fechei o livro, preocupado, e, enquanto me dirigia à janela, repetia o nome de Jacó Rabbi, como se do outro lado da parede ele estivesse sendo assassinado. Mas não vi nenhuma cena de sangue. Apenas o doido Manuel açoitava o tempo com os braços, pregando à pequena multidão de moleques e vagabundos do bairro.

— Os holandeses vão chegar. Já estão nas proximidades de Jacaúna, bradava o orador.

Vaias estrondavam em meio a gargalhadas escandalosas e assobios estridentes. O pregoeiro ria um riso de satisfação, olhos além da platéia, do casario, como se alcançasse a praia distante, escondida pela cidade. De certo, orgulhava-se de ser o primeiro a dar a notícia.

Ao me avistar, aproximando em zum os olhos para pouco além do foco dos canalhas, avançou em minha direção, rompendo o cerco caçoista.

— Você é filho do Clemente?

Disse sim e o convidei a entrar. Não me importava estivesse em dia de insânia. Ele sabia mais do que todos aqueles cegos que só viam guerras nos cinemas e o mar aos domingos. E eu nutria uma admiração estranha por aquele sábio menosprezado e insultado, aquele irmão vindo não sei de onde, talvez neto de cariris, de adoradores do Boi Santo, ensandecido por herança, imagino — seus ancestrais dizimados a ferro frio pelos Amaro Maciel Parente e caterva.

Dirigiu-se à porta, que fui abrir, apressado, como se atendesse à sua ordem. A multidão acercava-se da casa, sequiosa de novo espetáculo, saudosa do palhaço fugitivo. Fechei a porta e janela, ciumento daqueles olhos de esquina, daquelas bocas impiedosas.

Já sob a sombra de minhas telhas, o homem era outro, transfigurara-se, branco como vela, trêmulo como chama, nem louco, nem Manuel.

— Marina, traz um copo com água para esse senhor, gritei.

Indiquei-lhe a cadeira, retirando o livro do assento, enquanto tentava copiar-lhe todas as feições. Enganara-me, de fato — não se tratava do maluco do bairro, a alegria dos que dormiam na coxia e se embriagavam de música todo santo dia.

Marina trazia sobre uma bandeja um copo com água quente e, oferecendo-o a Manuel, cochichou ao meu ouvido:

— Quero ver se é doido mesmo. Eu estava ouvindo a lengalenga dele lá da cozinha.

Não recebeu o copo, determinando que o deixasse sobre a mesinha, mas apanhou meu livro, abriu-o e dirigiu-se a mim:

— Quero ver se ela não esfria hoje.

O que me veio à cabeça de imediato foi a figura acesa de minha mulher, que logo apaguei, para olhar para a água.

Pôs-se a ler, em voz alta: "Os nativos dessa zona solicitaram ao Conde Maurício e ao Conselho que tomassem o forte português lá existente a fim de libertá-los da opressão em que viviam."

Eu quis dizer a Marina que ela estava enganada, fosse buscar água gelada, deixasse de rir daquele jeito de moleca, mas, ao olhar novamente para o homem, reconheci nele o doido Manuel. Para tirar as dúvidas, interrompi-lhe a leitura:

— Não serão os alemães?

— Holandeses, gritou, ferindo-me com seus olhos de mensageiro.

— Mas eles não vêm por ar?

Não me deu segunda resposta e continuou a ler e a rir. Voltei-me para Marina e tentei dizer-lhe que não, não estava enganada, deixasse a água quente ali mesmo, esquecesse a geladeira, risse à vontade, assobiasse, vaiasse, molecamente.

— Acho que vêm de Recife, respondeu-me, por fim.

Em tom de brincadeira e para fazer com que dissesse de uma vez por todas de que estava falando, imaginei um **hippie** nordestino:

— Na certa, são cangaceiros de cabelos oxigenados.

Pareceu não ouvir ou não aceitar minha provocação, como qualquer pessoa muito respeitável e sisuda que, diante de um aparte brincalhão, faz ouvidos de mercador, para não se deixar cair no ridículo. E, como se desse por encerrada a conversa e se tratasse de velho amigo nosso, freqüentador habitual de nossa mesa, parente muito próximo, levantou-se e dirigiu-se para o corredor, ainda lendo. Tropicou na mesinha, o copo rolou e espatifou-se ao chão, enchendo a sala de água. Sequer olhou para o estrago e muito menos pediu desculpas.

Marina levou as mãos à cabeça, ajoelhou-se, irritada, tentando impedir que os cacos de vidro se estilhaçassem ainda mais e a água inundasse toda a sala. Conteve-se e, olhando para mim como a pedir perdão por ter agido ao primeiro impulso, disse que ia buscar uma estopa à cozinha.

Seguimos os três pelo corredor, ele à frente, seguido dela.

— Aqui está a notícia por inteiro, gritou o visitante, já pisando a sala de jantar. "Fundeará amanhã na enseada do Mucuripe o navio Nieuw Nederlandt, trazendo índios pernambucanos, cuja missão será a de preparar o terreno para a tomada do Siará pelos batavos."

Não tive mais dúvidas: estávamos com um louco dentro de casa. E, pior, na cozinha, perto do fogo e das facas. Queria pedir socorro a Marina mas ela já cantarolava na sala, ajoelhada junto aos cacos de vidro, mirando-se na água que não esfriava. Pensei esconder facas, garfos e fósforos e convencer Manuel a publicar sua notícia caduca na esquina, para

ser vaiado até que outra vez os neerlandeses tentasse assaltar o Ceará.

Odiei-me, chamei-me ingênuo, apiedei-me de minha piedade por aquele pobre diabo, aquele maníaco que transformava bulas em tratados de teologia .Amaldiçoei meu cristianismo tantas vezes negado da boca para fora. Desesperado, desejei que, de fato, e imediatamente, minha terra fosse invadida por tropas estrangeiras, de preferência holandesas, se possível nazistas, e que seu primeiro ato de brutalidade se voltasse contra Manuel.

Assim pensando, não ouvi quando me pediu água gelada. E, como não lhe atendesse, escancarou a porta da geladeira e despejou goela a dentro todo o conteúdo de uma garrafa, em tempo de a engolir.

Só ~~alerei~~ alertei com o vozeirão do louco, livro aberto no rumo das bananeiras do quintal, biquinho, a recitar: "Monsieur le major Garsman, ci-devant commandant de la milice à Siara..."

IMPRENSA OFICIAL DO CEARÁ — IOCE

IMPRENSA OFICIAL DO CEARÁ – IOCE